

director **António Realinho**

VIVER

publicação trimestral
distribuição gratuita

17 edição

janeiro . fevereiro . março

'11

Desportivamente na **BIS**



Em dia de eleições...



Retirado de DALMEIDA, Zé, "Histórias de Portugal – Luzes e Lusitos", Edição CCC, Abril 2002, ISBN 972-95770-1-3

VIVER
VIDAS E VEREDAS DA RAIA

17 edição | janeiro . fevereiro . março '11

Estatuto Editorial e Estatuto Redactorial da Revista VIVER

Consulte a página:

www.adraces.pt/conteudos/index.php?id=65

MENTE SÃ EM CORPO SÃO? VAMOS A ISSO!

António Realinho

[O Director]

Quando a mente pensa bem e o corpo é capaz de executar aquilo que a mente pensa, está estabelecida a ligação entre Crescimento e Desenvolvimento.

Estão criadas as condições essenciais para enfrentar a vida com sucesso!

O Desporto, para além de “espectáculo”, é, deve ser, essencialmente... isso! Criar equilíbrio entre crescer e desenvolver!

(Em desequilíbrio, uma deficiência provoca a outra):

De uma pessoa muito crescida, mas sem os conhecimentos essenciais na cabeça, diz-se: - coitado, aquele, ou aquela, não tem pernas para andar! Duma outra com muitos conhecimentos, mas de físico atrofiado, também se diz: é pena ser tão fraquinho, se não fosse, havia de ser alguém!

Portanto, é a pensar na saúde física e mental da juventude cá da BIS, que abordamos o DESPORTO como grande tema deste número da VIVER.

Desporto... no sentido mais lato do termo, no sentido mais abrangente, exercício físico meramente recreativo ou competitivo que contribua para melhorar as capacidades físicas e intelectuais da nossa juventude; que o mesmo é dizer, aumentar as possibilidades dum melhor desenvolvimento futuro.



Praticar desporto, seja ele qual for, em particular desportos colectivos, alarga a rede de relações sociais dos nossos jovens, contribui para criar novas amizades entre pessoas, e, à terra, melhora o ambiente social e cultural para a integração da juventude; ajuda, por pouco que seja, a enfrentar o isolamento provocado pelo despovoamento acelerado do interior e a por cá ficar por mais algum tempo, até que a crua realidade da falta de emprego os empurre para longe!

Mas a actividade desportiva é, também, uma actividade económica e geradora de algum emprego. Treinadores, preparadores físicos, colectividades locais, associações e clubes desportivos, deslocações, construções desportivas, etc., etc., tudo isto ajuda a abrandar o ritmo do nosso despovoamento.

É importante que os nossos responsáveis autárquicos sejam sensíveis às necessidades da juventude para praticar desporto. Não basta construir infra-estruturas, embora isso seja indispensável. A BIS necessita de muito mais actividade desportiva, mais intenso aproveitamento das infra-estruturas já existentes.

É necessário dar início a uma nova maneira de pensar, é necessário dar utilidade e sentido ao que já se fez. Os pavilhões desportivos sem actividade desportiva não podem transformar-se em “tascas grandes”. Devemos lutar para que cumpram a função para que foram pensados. Para que tal aconteça, é preciso agir a montante, ao nível dos “animadores / dinamizadores” desportivos, ao nível da capacidade de imaginar, organizar e programar actividades desportivas que atraiam mais juventude.

Atingido um nível já razoável ao nível das infra-estruturas, temos que começar a investir em recursos humanos para dinamizar globalmente as actividades desportivas, temos que encher de ruído e alegria os pavilhões desportivos das vilas e aldeias da BIS, mesmo que sejamos já poucos. Mesmo sendo poucos, podemos mover-nos muito mais, pelo menos, para desfrutar da sensação de sermos muitos!

Estamos abertos na medida das nossas possibilidades, a considerar propostas que visem a promoção / organização de actividades desportivas capazes de prestigiar e colocar a BIS na agenda nacional desportiva.

Que a BIS do futuro chegue: “mais alto e mais longe” são os nossos desejos.

edição **17**
janeiro . fevereiro . março
'11

VIVER

ficha técnica

Director António Realinho

Director Adjunto Teresa Magalhães

Editor Camilo Mortágua

Conselho Editorial António Realinho, Teresa Magalhães, Camilo Mortágua, Rui Miguel, Teresa Riscado, Clarisse Santos e Filipa Minhós

Redacção Teresa Magalhães: Rui Miguel; Clarisse Santos; Teresa Riscado; Filipa Minhós; Sandra Vicente; Paulo Pinto

Design e Direcção Gráfica DallDesign, Lda.

Produção Gráfica (Paginação/Impressão) DallDesign, Lda.

Capa DallDesign, Lda.

Colaboradores Abel Cuncas, Aida Rechená, Amândio Silva, Ana Paula Fitas, Ana Vale, Anibal de Almeida, António Canoso, António Covas, António de Abruñhosa, António Salvado, Armindo Jacinto, Assunção Pedrosa, Bruno Travassos, Calisto Tamor, Carlos Rosa, Domingos Santos, Élia Afonso, Elsa Ligeiro, Emilio Magro Martins, Fernando Paulouro, Fernando Raposo, Filipa Carvalho, Francisco Fragoso, Géraldine Lechevalier, Gérard Bravis, Gérard Peltre, Guilherme Pereira, Inês Pedrosa, Isabel Adónis, Jaime Novais, Jaime Pires, Jean Charles Lollier, Joaquim Cabral Rolo, Joaquim Alberto Simões, Joaquim Manuel da Fonseca, João Mário Amaral, João Miguel Pereira, João Ludgero, João Carlos Pinho, João Manuel Duarte, João Andrade Santos, Jolon, Jorge Brandão, Jorge Gouveia, José Carlos Costa Marques, José Joaquim Antunes, José Luís Mendes, José Nuno Martins, José Portela, Josy Richez, Juan Manuel Gutiérrez, Lauro Moreira, Lopes Marcelo, Lorenzo Barbera, Luís Domingo Sabonete, Luís Rocha, Luís Soares, Manuel Santos Jorge, Manuel Gomes, Marco Domingues, Mário Moutinho, Maria José Martins, Maria de Lurdes Quaresma, Maria de Lurdes Santos, Maria Inês Rodrigues, Marie Noelle Hessel, Martine Theveniaut, Matilde Pedrosa, Miguel Freitas, Miguel Nascimento, Moisés Espírito Santo, Nuno Mateus, Paula Gentil Santos, Paulo Águas, Paulo Almeida, Paulo Pinto, Pedro Rego, Rui Morais, Rui Veríssimo Batista, Sandra Vicente, Sílvia Vale, Soraia Barroca, Valter Rodrigues, Vitor Rodrigues, Victor Santiago Tabares, Vergílio A. Pinto de Andrade

Depósito Legal 289795/09

Registo na Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) 124952

Periodicidade Trimestral

Tiragem 8000 exemplares

Propriedade
ADRACES

Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul
www.adraces.pt

Rua de Santana, 277
6030-230 Vila Velha de Ródão
Telef. +351-272540200
Fax. +351-272540209

Número de Identificação Fiscal (NIF) 502706759
Sede da Redacção Rua de Santana, 277
6030-230 Vila Velha de Ródão
Email viver@adraces.pt

conteúdos

01 DO DIRECTOR

Mente sã em corpo são? - Vamos a isso!

03 DO EDITOR

O Sport Clube da BIS? Temos equipa? A nossa selecção!

04 HISTÓRIAS SIMPLES DE GENTE ANÓNIMA

“Temos sempre tempo para aquilo em que acreditamos”

06 TEM A PALAVRA

Entrevista à Presidente da Junta de Loureçal do Campo

08 GRANDE TEMA

Desportivamente na BIS

29 NÓS ADRACES

Eva Dream: As aldeias floridas de afectos que Tó Romano sonhou

Conferência “Eva Dream - Vamos tornar Portugal o País mais Florido do Mundo”

Eva Dream para os raianos é...

PRODER - Medidas 3.1 e 3.2 em execução financeira e segundo aviso de concurso

36 ROSTOS E EXPRESSÕES DA BIS

40 ONDAS CURTAS EUROPEIAS

41 AO SABOR DA PENA

Desporto: um cimento ao serviço do desenvolvimento local

Apontamentos do Rural agrícola

Quando os “acusados” dão o bom exemplo! Violências e Emoções em trabalho de projecto

45 SENTIR A BEIRA

A geografia eleitoral desfasada da coesão territorial

47 A VIVER EM ÁFRICA

O SPORT CLUBE DA BIS? TEMOS EQUIPA? A NOSSA SELECÇÃO!

Camilo Mortágua

[O Editor]

No Desporto como na Vida, há quem jogue ou corra em equipa e há quem o faça individualmente. Há igualmente quem defenda que os desportos de equipa são mais completos por estimularem nos praticantes aptidões mais diversificadas tais como o companheirismo, a solidariedade, a capacidade de coordenação, o espírito de entreatajuda, etc.

Ao abordar o tema “O DESPORTO NA BIS”, a questão de saber se temos equipa, impõe-se-nos.

Aqui na VIVER, o Campeonato do Desenvolvimento é o nosso grande objectivo época após época. Queremos que a BIS chegue e se mantenha entre as primeiras da primeira divisão das regiões portuguesas.

Falta muito para lá chegar! Em linguagem desportiva, estamos abaixo do meio da tabela. Temos muitos praticantes e bons, mas não temos equipa!

Neste terreno de jogo que é a BIS, jogam muitos clubes pequenos, mas ainda não apareceu o “SCB - o Sport Clube da BIS”. Um Clube com este ou outro nome que nos represente a todos, em toda a parte. No desporto como na Política, na administração pública e autárquica como na planificação do desenvolvimento, na defesa dos nossos legítimos interesses como no melhor aproveitamento possível dos nossos recursos, precisamos duma equipa à dimensão do território da BIS. Pensamos que temos por cá tudo o que é preciso para formar essa equipa, desde seleccionadores a treinadores e executantes, falta-nos tão só a vontade de o fazer, a disponibilidade individual para contribuir para uma grande obra colectiva.

A vontade de juntar vontades, vontades que compreendam que vale a pena correr o risco de que essa obra colectiva nos torne individualmente “aparentemente menos importantes”, ao correr o risco de deixarmos de ser “bispinhos de uma pequena igreja, para passarmos a párocos numa grande catedral”.

Temos insistido nesta questão porque, à luz de muitas outras experiências, estamos convictos de ser esse o caminho para o Desenvolvimento e melhoria das condições de vida na BIS.

Ao falar de DESPORTO, por associação de ideias, a questão da coesão social, da união para ganhar força, da aliança sã entre corpo e mente, impôs-se-nos!

É dessa sã aliança que o corpo da BIS precisa. Os amantes das actividades desportivas talvez sejam capazes de compreender facilmente essa necessidade e de contribuir para a sua concretização. A VIVER, jovem de 17 números feitos, está disponível para participar.



“TEMOS SEMPRE TEMPO PARA AQUILO EM QUE ACREDITAMOS”



2011 é o Ano Europeu do Voluntariado. Na secção da VIVER “Histórias Simples de Gente Anónima” vamos falar de voluntariado, filantropia e generosidade, em que a partir de uma história de vida simples pretendemos homenagear todas e todos os que de forma abnegada dedicam a sua vida aos outros.

MAS AFINAL O QUE É O VOLUNTARIADO?

A Lei do Voluntariado diz que “*É o conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.*” Nós acrescentamos: É ajudar os outros. É ser útil. É servir a comunidade. É fazer aquilo em que acreditamos. É preenchermo-nos a nós mesmos. É ser-se generoso. É ser-se desprendido. É ser-se humilde. Estas são algumas das muitas definições para uma só palavra. No ano em que a U.E. declarou oficialmente 2011 como o Ano Europeu das Actividades Voluntárias que promovam uma Cidadania Activa, a VIVER foi ouvir, na primeira pessoa, uma penamacorense que desde muito nova dedica a sua vida ao Voluntariado, para percebermos o que é isto de ser Voluntário e servir a comunidade!

Júlia Cruz, 50 anos, é natural de Penamacor. Administrativa na Santa Casa da Misericórdia de Penamacor, foi nessa instituição de solidariedade social que teve o seu primeiro contacto com o voluntariado. Desde aí leva uma vida dedicada aos outros e diz sobre as acções que pratica: **“não me custam nada e completam-me enquanto pessoa”**.

Como é que a sua vida se cruzou com o voluntariado?

A minha vida cruza-se com o voluntariado quando comecei a trabalhar na Santa Casa da Misericórdia de Penamacor em 1980.

Ainda se recorda do primeiro acto de voluntariado que praticou?

Lembro-me que uma das primeiras participações voluntárias foi logo no início da minha actividade profissional, quando ainda éramos Centro de Dia e iniciámos o Rancho Folclórico. Fizemos muitas horas para prepararmos e terminarmos os fatos do Rancho para as actuações.

Esse gosto foi sendo alimentado até que escolheu uma Instituição de cariz puramente voluntário – o escotismo, onde a formação dos jovens é missão fundamental...

Antes dos Escoteiros, foi nos Bombeiros. Porque na época de 80, Penamacor atravessou uma crise de água, não havia água e eram os Bombeiros que a distribuíam porta a porta. Foi nessa altura que a ida dos Bombeiros à Misericórdia para levar água me levou a ter contacto com outra forma

de voluntariado. Em 1981/82, formámos um grupo com pessoas que trabalhavam na Santa Casa e começámos a ir todas as tardes ajudar a confeccionar comida que distribuíamos pelos Bombeiros que andavam nos incêndios. Nessa altura fiz-me sócia dos Bombeiros Voluntários e, mais tarde, entrei para a corporação como Bombeira.

As pessoas que fazem Voluntariado dizem que recebem mais do que dão. Sente isso no seu dia-a-dia? O Voluntariado é dar-se às pessoas?

Isso é totalmente verdade. Recebe-se amor, ganham-se amizades, constroem-se vivências, trocam-se experiências. Nós só damos um pouco do nosso tempo.

O que mais a fascina no voluntariado?

É o servir.

Júlia, acredita que todos nascemos com o “bichinho” do voluntariado ou acha que é algo que se aprende ao longo da vida?

Acho que já nasce connosco, depois, como se desenvolve ou não, depende muito das vivências que temos e do meio em que estamos inseridos.

O voluntariado está em crise?

Eu penso que sim.

E porquê?

Porque a sociedade mergulhou numa crise de valores.

Hoje estamos mais preocupados em dar aos jovens telemóveis de última geração, computadores para comunicarem e depois não sabem falar com o vizinho do lado. Sente que esta geração é muito individualista?

Sim, noto isso no Escotismo, principalmente na Alcateia, que são os mais pequeninos, dos 6 aos 10 anos. Têm alguma dificuldade em alinharem nos jogos colaborativos e de grupo, só depois de algum tempo é que entendem que determinados jogos são formas de aprendizagem. Nota-se que vivem uma vida de algum isolamento.

Quando surgiram os Escoteiros na sua vida?

Eu não sou das primeiras promessas. Quem arrancou com o Grupo (AEP -Agrupamento 163 de Penamacor), foi o meu primo João Paulo, eu só entrei mais tarde, só entrei nas segundas promessas em 1992.

Muitos dos jovens que recebem prémios de mérito na Escola Ribeiro Sanches passaram pela Escola do Escotismo de Penamacor. Sente-se orgulhosa?

Sim, enche-me de satisfação. Lembro-me, por exemplo, de há 2 anos uma jovem ter recebido vários prémios de mérito na Escola Ribeiro Sanches e ter recebido também o prémio de mérito dos “Rotários”. Fiquei muito contente e orgulhosa. São também essas coisas que vão dando sentido ao que fazemos e à nossa vida.

Para além dos Escoteiros, dos Bombeiros, faz outros tipos de voluntariado?

Sim, através do grupo de voluntárias que foi formado a partir do trabalho desenvolvido pela ADRACES, mas também na Liga Portuguesa contra o Cancro e, mais recentemente, na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens...

Numa sociedade cada vez mais egoísta e com falta de tempo, como é que consegue arranjar tempo para colaborar com tantas Associações e participar em tantas actividades?

Temos sempre tempo para aquilo em que acreditamos!

Se pudesse voltar atrás, fazia o mesmo percurso?

Com certeza. Tenho muito orgulho no meu percurso de vida. Para mim, esta crise, que todos dizem que estamos a atravessar, não é tanto uma crise financeira, mas sim uma crise de valores. O Escotismo é uma escola de formação onde esses valores se aprendem bem cedo. Podemos não cumprir todos a 100%, mas tentamos sempre cumprir o máximo o melhor que conseguimos. Nem eu consigo cumprir a 100% as leis do Escotismo, mas faço sempre o meu melhor para poder ser um exemplo para os mais novos e transmitir-lhes esses ensinamentos. Isso é muito gratificante.

Nos Escoteiros, nem todos seguem em frente, por exemplo, os mais pequenos, nem todos chegam a fazer promessas.

Temos regras, temos que as cumprir e para eles não é fácil. Para um lobito de 6 anos ter um guia a quem tem que obedecer e que tem a mesma idade que ele... não é fácil. Alguns não gostam e desistem. O voluntariado tem regras. Existe a lei do voluntariado. É um compromisso. São essas regras que muitas vezes eles não querem seguir.

A Júlia tenta incutir aos jovens escoteiros o voluntariado, isto é, o voluntariado para além do que eles praticam no grupo?

A Lei do Escotismo diz-nos que devemos todos os dias praticar uma boa acção. Todos têm que ajudar o próximo, por exemplo, quando lhes falei no projecto “Missão Almofada” da ADRACES, ficaram todos empolgados. No último sábado, deixaram de terminar o relatório que estavam a fazer e foram para a Oficina de Artes e Saberes para ajudar na feitura das Almofadas. Por outro lado, estão sempre disponíveis para irem ao Lar ver os velhinhos e fazer-lhes um pouco de companhia. Foram lá cantar as Janeiras.

Mas isso também acontece, porque a Júlia lhes transmite muito desse espírito...

Mas isso é a nossa função. Todos temos obrigação de participar na e para a comunidade.

Quando se fala em voluntariado, tem-se muito a ideia que o voluntariado é ir para África fazer uma missão. Mas falar de voluntariado é também falar “da porta que está ao nosso lado”...

A gente não precisa sair de cá, da nossa terra, para fazermos o bem ao próximo.

A Júlia dizia-nos que tem uma missão nos Bombeiros, que é ir dormir ao quartel uma noite por semana, quer-nos falar disso?

Sim. Há uma escala e eu integro um grupo em que todas as quintas-feiras nos calha ir dormir ao quartel. Não há muito pessoal e assim os voluntários asseguram as noites. Cada grupo tem um dia da semana. Uns grupos são mais cumpridores que outros. O meu grupo é dos que mais exerce este “compromisso”.

O voluntariado nem sempre é algo muito visível. Muito do voluntariado, são acções escondidas, qual é a sua opinião?

Mas o espírito do voluntariado é esse... fazer-se sem que se veja. Na minha rua há umas senhoras que ajudam outras que precisam e ninguém sabe... isso é que é o espírito puro do voluntariado.

Há algum tempo que a Júlia fala em integrar uma missão...Quando pensa fazê-la?

Quando tiver oportunidade e puder, gostaria muito de fazer uma missão de voluntariado no exterior. É um sonho que tenho!

A Júlia foi agraciada pela Câmara Municipal de Penamacor com a Medalha de Mérito devido ao seu percurso dedicado ao Voluntariado. Qual foi a sensação que teve ao receber esse galardão pelo seu trabalho em prol da sociedade?

Nem sei explicar! Na altura foi assim um turbilhão de emoções. Depois disse aos miúdos que aquela medalha também era deles, eu só a consegui porque eles fizeram o caminho comigo. Não se conseguia partir ao meio, porque se se conseguisse, ela também era deles. Guardei-a, mas aquela medalha também é deles.

Eu não faço voluntariado sozinha. Só fazemos o caminho que nos ajudam a fazer.

Já nos segredou que um dos seus grandes objectivos é fazer uma missão no exterior. Mas de todas as acções, missões, projectos, etc... que já realizou até hoje, qual foi aquele que mais lhe tocou? Qual foi aquele que valorizou mais a Júlia enquanto pessoa? Consegue destacar algum?

É difícil! Todos me valorizam. Todas são experiências totalmente diferentes. Posso destacar duas experiências de que gostei: a participação numa comunidade em França que reúne pessoas vindas de todo o Mundo e em que todos têm uma missão, horas de meditação e prestação de serviço à comunidade. Essa experiência foi fantástica. Foi uma experiência muito valorizadora em termos pessoais porque havia pessoas de todo o mundo e as trocas e aprendizagens foram maravilhosas. Depois, outra actividade que reúne muita gente e que eu pensava que podia não funcionar, foi o ACANAC (2007) que aconteceu no Monte do Trigo em Idanha-a-Nova. É um acampamento nacional de escuteiros, realizado pelo CNE (Corpo Nacional de Escutas) e eu, mesmo sendo da AEP (Associação dos Escoteiros de Portugal), fui para lá fazer voluntariado. Foi fantástico.

Uma mensagem que queira deixar aos jovens.

É importante que os jovens não desistam. O caminho pode ser sinuoso, mas no fim colhem-se sempre os frutos do esforço que fazemos. Ficarmos felizes quando os outros estão felizes. Os Escoteiros pretendem da Vida serem felizes e verem os outros felizes. ■



TEM A PALAVRA

Presidente da Junta de Louriçal do Campo
Paula Maria Fernandes Custódio Reis, 35 anos
[Freguesia de Louriçal do Campo]

Em Louriçal do Campo nasceu e viveu até aos 18 anos de idade. Partiu para estudar em Lisboa mas, passados escassos anos, regressa à sua terra. Apesar de viver em Castelo Branco, é na sua aldeia que se sente em “casa”. Foi ali, na escola das brincadeiras de rua que a aldeia lhe proporcionou, que aprendeu a ser parte do que é.

“PARA NÓS É IMPORTANTE QUE AS PESSOAS VOLTEM”

1. De que forma surge a presidência da Junta de Freguesia na sua vida?

A minha vida política iniciou-se há cerca de 9 anos com um convite para ingressar numa das listas candidatas à Assembleia de Freguesia de Louriçal do Campo. Fomos eleitos, e aos 26 anos de idade fiquei a desempenhar a função de Secretária da Assembleia de Freguesia. Passados alguns meses, a pessoa que estava a exercer o cargo de Secretário da Junta de Freguesia saiu e foi necessário eleger alguém que ocupasse o lugar. Fui votada e passei a fazer parte do executivo da Junta de Freguesia do Louriçal do Campo. Passados três anos como Secretária da Junta de Freguesia candidatei-me como Presidente e, neste momento, estou no segundo mandato.

2. Como descreve a freguesia de Louriçal do Campo?

Louriçal do Campo é uma freguesia muito bonita, cheia de potencialidades, muito ligada à natureza e muito diferente das restantes freguesias do concelho pelo facto de estar localizada na Serra da Gardunha, tornando-a mais verde e abundante em água. É uma aldeia muito rica em termos de património, cultura e história.

No último século e meio esteve muito ligada a uma instituição, S. Fiel, com o ensino Jesuíta, mais tarde Instituto de Correção. Esta instituição empregava muitas pessoas e trazia também muitas pessoas ao Louriçal do Campo. Até encerrar, foi um ponto muito importante de mão-de-obra e de criação de postos de trabalho na aldeia. Era uma mão-de-obra local especializada, qualificada sobretudo pela presença de mestres que ensinavam profissões às crianças que frequentavam a instituição. Desde carpinteiros, estofadores... toda uma panóplia de profissões que enriquecia o saber daqueles alunos e que, ao mesmo tempo, garantiam a sobrevivência de muitas famílias da aldeia.

É uma freguesia cheia de potencialidades históricas, naturais e com uma situação geográfica de contiguidade à A23. Portanto, quer através da proximidade das vias de comunicação, quer através de investimentos que impliquem a preservação, conservação ou a demonstração daquilo que existe na aldeia, afirmo ser uma freguesia com elevado potencial.

3. Como retrata a freguesia em termos de população e qual a estratégia para a fixação de população, nomeadamente de jovens?

A freguesia de Louriçal do Campo tem cerca de 700 pessoas recenseadas. Os habitantes são ligeiramente menos. Apesar de se ter perdido muita população jovem, ainda temos jovens. Esta perda reflecte-se imediatamente no número de crianças que temos para o ensino e no número de nascimentos que representam 1 a 2 crianças por ano.

Há 12 anos deparei-me com um problema, tal como os restantes jovens da freguesia, o qual constituía um elemento negativo para quem pensava voltar. Eu vinha de um grande centro e voltando para a Beira Interior, queria voltar para a minha terra, fazer uma casa lá. Castelo Branco dizia-me pouco e seria um sítio para trabalhar mas pouco mais que isso. Recordo-me que, na época, foi o auge da construção, aquisição de terrenos e afins, factor que inflacionou sobremaneira o mercado imobiliário, dificultando muito o percurso de quem estava a iniciar vida. Louriçal do Campo tinha muito pouco terreno para venda sendo o Estado o grande proprietário e este não cedeu nem vendeu, tendo inviabilizado o retorno de jovens que, como eu, queriam fixar-se no Louriçal. Quando fui eleita Presidente, a primeira reunião que tive com o Município de Castelo Branco foi no sentido de pedir ajuda para conseguir adquirir alguns terrenos que pudessem ser transformáveis em lotes para vender. Aí tivemos a ajuda inestimável do Município na pessoa do Sr. Presidente adquirindo-se ao Ministério da Justiça dois terrenos, sendo que um deles é urbano e tem uma dimensão considerável. Situações idênticas resultaram já na captação de jovens para aldeias nossas vizinhas, próximas da A23, esperamos que no Louriçal do Campo possa vir a resultar também.

Outro factor decisivo para a fixação da população é a criação de postos de trabalho. Os jovens começam a trabalhar na cidade, seja Castelo Branco, Fundão, Covilhã ou outra, e mudam-se para lá, não ficam na aldeia. A criação de postos de trabalho não passa pelas autarquias, sendo certo que tanto as freguesias como a Câmara Municipal têm uma postura de receber de braços abertos quem queira investir neste concelho.

Para os que vão voltando, essencialmente jovens, o papel da Junta de Freguesia passa também por criar motivos para esse retorno à terra, ou seja, criar condições para que possam encontrar a aldeia arranjada como eles a conheceram, reavivar tradições que se foram perdendo e que constituem as memórias das pessoas que se foram embora, impulsionar as festividades e promover reencontros com a terra onde nasceram, entre outras. No que diz respeito às festividades, as pessoas e instituições têm feito um esforço para as reavivar e manter, porque constituem um forte motivo para os jovens e suas famílias regressarem em datas específicas e se reencontrarem com as suas raízes. Daí que se incentive sempre o trabalho comunitário, a entreatajuda, a ajuda às comissões de festas existentes, tudo o que seja possível para criar atractividade na aldeia, porque temos de incentivar o regresso. Estas visitas esporádicas muitas vezes trazem pessoas que se reformaram e que querem regressar ou pelo menos manter uma segunda casa. Isso para nós é muito importante... que as pessoas voltem.

4. De que forma encara a Junta de Freguesia o papel das colectividades na sua freguesia?

As colectividades tiveram e têm grande importância na criação de laços sociais nas aldeias. Numa época em que as aldeias eram muito fechadas, pois vigorava um regime que não dava azo a abertura de mentalidades, Louriçal do Campo teve e ainda tem algumas colectividades e associações que invertiam essa conjuntura, como era o caso da Sociedade Filarmónica, escola de música que era ao mesmo tempo congregadora de pessoas, de vontades e aprendizagens. Muitas pessoas aprenderam música numa época em que não era comum aprender-se e, muitas pessoas no Louriçal do Campo sabem música graças à Sociedade Filarmónica. Mais tarde, na década de 90, criou-se um Rancho Folclórico. Teve uma existência muito mais diminuta, mas cujo papel era rigorosamente o mesmo. Era um rancho infantil e juvenil que reunia pessoas dos 15 aos 20 anos e pô-las a dançar num rancho, o que há 20 anos não era muito vulgar, porque dançar num rancho era uma coisa ultrapassada, as pessoas modernas não faziam isso. Com uma brincadeira de verão conseguiu-se juntar mais de 40 pessoas e pô-las a dançar no rancho. O Rancho e a Filarmónica representavam a possibilidade e oportunidade de sair, conhecer pessoas e ver sítios novos.

As colectividades eram e são locais de aprendizagem, locais de passagem de mensagens, testemunhos de vivências comuns que marcam e mais tarde nos fazem voltar. Neste momento, a Sociedade Filarmónica ainda continua viva. Tenho pena de a freguesia não ter mais colectividades. Se as tivesse, de bom-tom e de bom grado, as ajudaria. Temos informalmente pessoas que se juntam para fazer torneios de futebol ou participar em torneios de futebol. A Junta de Freguesia, dentro das suas capacidades financeiras, vai tentando ajudar.

5. Que futuro perspectiva para a sua freguesia?

Fixar pessoas é a primeira prioridade. As aldeias não são um aglomerado de casas, são um conjunto de pessoas que construíram casas, por isso é que elas existem. Sem pessoas não se fazem aldeias, são elas a sobrevivência das aldeias. Considero que o Louriçal do Campo tem todas as capacidades de sobrevivência desde que saiba defender o que é seu. O Louriçal do Campo tem pessoas válidas e capazes de levar a aldeia para a frente e, quando falo de pessoas válidas, falo de toda uma comunidade. E espero que esta seja uma realidade, valorizar e repovoar é um passo incontornável para o futuro da aldeia. Há todo um trabalho a fazer para reverter os factores sociais, económicos e populacionais desfavoráveis. Esperamos que sejam criados factores de atractividade na maior parte delas para que se reverta a situação. Não fico só com pena do Louriçal do Campo mas também das restantes aldeias. Porque ver uma aldeia deserta é assustador. ■

Alguns dados sobre a freguesia de Louriçal do Campo:

População residente: 725

Proporção de idosos: 35.4%

Proporção de jovens: 12.8%

Área: 22,07 Km²

Anexas: Torre

Distância da sede de Concelho: 29 km

Fonte: INE, Censos 2001

GRANDE TEMA

DESSPORTIVAMENTE NA BIS



MENS SANA IN CORPORE SANO

Mens sana in corpore sano (“uma mente sã num corpo são”) é uma famosa citação latina, de um poeta romano de nome Juvenal. Basicamente o que diz o autor deste poema é que os seus contemporâneos deveriam pedir às divindades através das suas preces apenas um corpo e mentes sãs. Tendo isso nada mais seria importante.

Francisco Fragoso

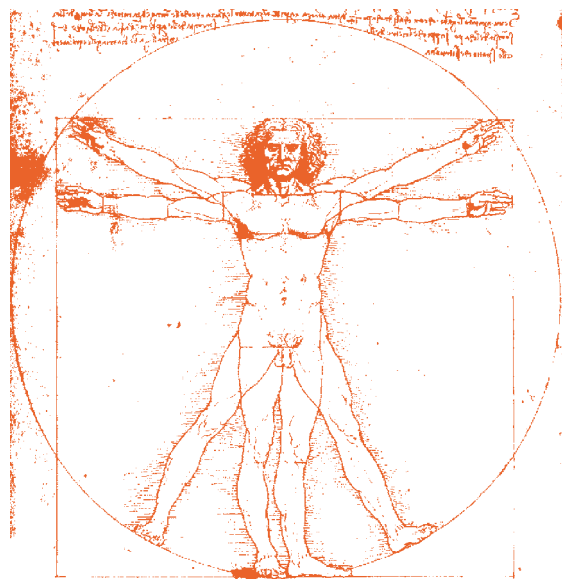
[Dirigente da ADL Terras Dentro]

Que terá isto que ver com o desenvolvimento?

Pode ter. Vejamos: Émile Durkheim, defensor do funcionalismo que, grosso modo, dizia que cada instituição tem ou exerce uma função específica na sociedade e que o seu mau funcionamento poderia originar um mau funcionamento da própria sociedade. Esta perspectiva funcional analisa todos os contributos dados pelas dinâmicas sócio-culturais para os sistemas que os integram, muitos defensores destas teorias apontam a sua retórica no sentido de que as instituições são funcionalmente integradas e que formam um sistema estável. Quando ocorre uma mudança numa instituição dá-se início a um processo de mudança em outras instituições. Esta dinâmica é denominada, por alguns autores, **analogia orgânica**. A sociedade funciona como um corpo.

Nos anos 60 do século passado, esta análise foi amplamente criticada, mas, de facto, se pensarmos num território qualquer e no seu tecido institucional com todas as suas interações, conseguimos perceber o que nos queria transmitir Émile Durkheim e outros.

Voltando ao poeta romano Juvenal e partindo do pressuposto que concordam que podemos aceitar a perspectiva funcional que tenho vindo a falar e a sua analogia orgânica. Consideremos então sob esta perspectiva que é importante que os territórios tenham presente a citação do poeta que abre este enunciado. De facto importa uma mente sã num corpo são, importa a boa governança num território para que haja qualidade de vida para os seus habitantes e visitantes, para que haja robustez ao nível dos indicadores sócio-económicos mais clássicos. Boa governança nas autarquias, nas organizações não governamentais e nas empresas. Importa um corpo são, importa um território preservado, organizado e participado. Importa que se retire todo o potencial do território sem o debilitar.



Nesta altura já alguns se terão questionado sobre as fórmulas para ir de encontro à citação do poeta.

Pois não tenho.

Mas tenho ouvido desde sempre que uma alimentação saudável (entenda-se inputs financeiros para estimular a economia, entenda-se oferta cultural, entenda-se mobilidade, entenda-se saúde e educação, entenda-se recompensar o mérito), aliada ao exercício físico (entenda-se estimular o empreendedorismo, entenda-se promover a cooperação entre organizações públicas e privadas, entenda-se preservar o património natural e edificado, entenda-se produzir), contribuem em muito para ter um corpo são. Quanto à mente creio também não haver segredos. Exercício de reflexão no sentido de pensar estrategicamente e fazer planeamento. Actualmente existe muita informação disponível e pouco tempo para a analisar. A meditação é importante, devemos pensar com detalhe.

Assim, se pensarmos um território como um corpo, ter uma mente sã num corpo são, pode significar ter um território desenvolvido e, ter um território desenvolvido, é ter bem-estar das pessoas, é ter qualidade de vida. Tendo isso nada mais importa e já no tempo dos romanos isso era evidente, pelo menos para Juvenal. ■

DESPORTO E DESENVOLVIMENTO

“ALMA SÃ EM CORPO SÃO”

Joaquim Alberto



Se entendermos que desenvolvimento é tudo aquilo que faz com que a vida da maior parte das pessoas na terra seja cada vez melhor, sabemos que, muitas vezes, o progresso material e o crescimento económico são contra o desenvolvimento.

Ultimamente, para falar em desenvolvimento, tem de se acrescentar uma série de adjectivos, como sustentável, integrado, diversificado...mas o desenvolvimento humano tem de ser sempre tudo isso. O crescimento, muitas vezes, não é sustentável; mas o desenvolvimento se não for sustentável, não é desenvolvimento.

Por isso, desenvolvimento tem mais que ver com aquilo que as pessoas são, e crescimento tem mais que ver com aquilo que as pessoas têm.

O crescimento é limitado aos bens existentes e à sua produção. As pessoas e as sociedades só podem ter aquilo que existe e que são capazes de produzir e comprar.

Para haver crescimento, muitas sociedades poluem sem nenhum controlo. Mas o crescimento que polui sem controlo é contra o desenvolvimento.

O desenvolvimento é ilimitado. As pessoas e as sociedades podem sempre ser melhores. Se não podem ter mais, podem sempre melhorar a distribuição daquilo que têm.

Se nós entendermos que desporto é qualquer coisa que deve ser praticada assiduamente pela maior parte das pessoas que vivem na terra, sabemos que, muitas vezes, o espectáculo desportivo é contra o desporto para a maior parte das pessoas.

Há 50 anos, só as pessoas inválidas fisicamente é que não faziam exercícios físicos. Poucas pessoas tinham carro e, mesmo quem o tinha só o utilizava para deslocações com alguma dimensão. Não passava pela cabeça de ninguém ir de carro ao café. Ou iam a pé ou de bicicleta. Até porque o carro estava na garagem. Todas as pessoas andavam muito tempo por dia a pé. E a grande maioria dos trabalhos exigiam esforço físico para serem executados. Por isso a percentagem de pessoas gordas era diminuta. Agora, as pessoas, além de fazerem pouco esforço físico, comem muito mais carne e doces e muito menos legumes do que antes. Por isso a percentagem de pessoas gordas é muito grande. Parece que Portugal é um dos países da OCDE com mais raparigas adolescentes gordas. E a gordura excessiva, se é talvez sinal de crescimento económico, é certamente sinal de não desenvolvimento humano, porque torna a vida das pessoas pior, pelas doenças, pela perda de autonomia (há muitas pessoas, mesmo jovens, que mal se podem mexer devido à gordura...) e também pela aparência física e os traumas psicológicos, principalmente nas raparigas. Se antes a maior parte das pessoas passava muito tempo em pé, quer a trabalhar quer nas deslocações, agora a maior parte das pessoas passa grande parte do tempo deitada ou sentada. Até a maior parte das pessoas que vê futebol está sentada no sofá a ver os jogos na televisão... por isso, por causa das actuais condições de vida, a prática do desporto para o maior número de pessoas nunca foi tão importante como agora.

E é aqui que, em muitos casos, o espectáculo desportivo é contra o desporto para a maior parte das pessoas.

Antes de a televisão difundir o espectáculo desportivo, quem se interessava por desporto era obrigado a deslocar-se para assistir directamente. Além dos atletas, participavam no desporto todas as pessoas que iam assistir. Como as receitas geradas não eram muito grandes, os atletas profissionais não eram muitos e o que ganhavam também não era excessivo. De qualquer modo, havia sempre muita gente envolvida em cada espectáculo desportivo.

Agora, com o dinheiro da televisão, as pessoas que assistem (no sofá) são cada vez mais, e as que participam verdadeiramente são cada vez menos. Mas, como o dinheiro envolvido no desporto é muito mais do que antes, também é maior a necessidade de o espectáculo ser cada vez melhor. Por isso, os atletas têm de ser todos profissionais e, para ter o concurso dos melhores, os salários aumentam de maneira incomportável.

Há 50 anos, um atleta profissional não podia competir nos Jogos Olímpicos. Agora, se não for profissional, nenhum atleta consegue os mínimos necessários para poder participar.

Há 50 anos, nenhum clube desportivo estava em banca rota, apesar de as receitas serem pequenas. Agora, apesar das grandes receitas geradas, todos têm a corda na garganta. Em Portugal, havia um clube desportivo, o Sporting, que chegou a ser considerado, nos anos 80, o maior clube desportivo do mundo. Nele praticavam desporto nada menos que 15 mil atletas. Tudo isto era subsidiado pelo excedente criado pela modalidade futebol, pelos mais de 100 mil sócios, pelas grandes assistências, pelos muitos títulos conquistados em todas as modalidades. E não tinha dívidas. Agora, com o grande aumento de receitas gerado pela televisão, o dinheiro não chega nem para o futebol. Acabaram os milhares de atletas, os mais de 100 mil sócios e está à beira da banca rota. E não ganha nada. Aqui está um exemplo em como não é o muito dinheiro que faz as boas decisões. Vale mais pouco dinheiro com boas decisões, do que muito dinheiro com más decisões.

Tudo isto para tentar tirar as seguintes conclusões:

Se o desporto foi sempre fundamental para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, nunca, como agora, a prática desportiva do maior número possível de pessoas foi tão importante.

Se dantes todas as pessoas eram obrigadas a andar a pé - e algumas de bicicleta (por falta de outro meio de transporte - também agora as pessoas são obrigadas a andar a pé - ou de bicicleta (por falta de outro meio para manterem a saúde, a elegância e as finanças equilibradas).

Quem não quer andar a pé - ou de bicicleta, é, na prática, contra a sua própria saúde.

O Governo tem uma Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Sinceramente, ainda não consegui perceber para que serve. Se é só para o Secretário de Estado aparecer na televisão quando há espectáculos televisivos profissionais, penso que não se justifica a sua existência. Ou é para incrementar a prática do desporto amador no maior número possível de pessoas, ou não vale a pena sequer existir. Mas isso é uma campanha contínua.

E é aqui que a existência das organizações desportivas é fundamental. Porque são poucas as pessoas que têm capacidade para, sozinhas, fazerem o exercício físico indispensável. Mas em conjunto tudo se torna mais fácil. As pessoas são para viver em comunidade, não são para viver sozinhas. E o desporto (amador) também contribui, a quem o pratica, para a inserção na comunidade. Aliás, a maior parte dos desportos não é individual, é colectiva. Até o ténis tem de ser jogado, no mínimo, a dois. Só a marcha e a bicicleta podem ser praticadas individualmente. Mas em conjunto é mais fácil.

Portugal tem o melhor clima do mundo durante todo o ano para a prática do desporto ao ar livre. Não são precisos grandes investimentos. Mas são precisas pessoas mobilizadas para praticarem desporto. Não para serem campeões. Apenas para terem uma vida saudável.

Pela sua saúde. Pela sua elegância. Pelas suas finanças. Ande a pé, de bicicleta e, se puder, pratique um desporto qualquer. ■





PENSAR O DESPORTO É PENSAR O FUTURO!

Bruno Travassos

[Universidade da Beira Interior]

Pensar em desporto leva-nos de imediato a pensar em saúde, educação, cidadania, turismo e cultura. O desporto na vida das populações assume um valor fundamental face ao carácter agregador que desperta, bem como ao potencial que encerra em si mesmo para a promoção de valores e modos de vida mais saudáveis. Para além destes aspectos, sabemos hoje que o desporto pode ser também um factor de desenvolvimento económico e social através da estreita relação que pode e deve desenvolver com o turismo.

“O DESPORTO NA VIDA
DAS POPULAÇÕES
ASSUME UM VALOR
FUNDAMENTAL FACE AO
CARÁCTER AGREGADOR
QUE DESPERTA(…)”

Quando lemos a Constituição da República verificamos que é reconhecido valor ao desporto há longa data. Podemos ler que é reconhecido o direito de todos os cidadãos à cultura física e ao desporto. O estado e as autarquias, em parceria, têm como obrigação promover, estimular, orientar e apoiar a actividade desportiva para todos.

Apesar destas recomendações, quando olhamos para a realidade, verificamos que existe uma carência estrutural de intervenção destes agentes, dado não estarem expressos os pressupostos que vão permitir fundamentar as opções, determinar as coerências e operacionalizar políticas que se adaptem aos objectivos visados.

Pensar o desporto deve pressupor antes do mais pensar que objectivos se pretende atingir e quais os recursos existentes. Queremos na nossa vila ou cidade ter clubes campeões ou queremos potenciar a prática desportiva? Pretendemos ter um grande leque de modalidades ou pretendemos sobretudo potenciar três ou quatro modalidades onde, para além de uma prática massiva, vamos procurar formar os melhores para atingirem patamares nacionais e assim promoverem também o nome da região? Sem a definição destes alicerces, tantas vezes esquecidos (pois o desporto tem sido muitas vezes pensado e debatido, sobretudo nos seus aspectos mais operativos, sem uma preocupação da coerência com os aspectos fundamentadores) dificilmente será possível encontrar uma intencionalidade que possibilite mais e melhor desporto. Um dos aspectos mais visível deste problema diz respeito à distri-

“QUANDO LEMOS A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA (...) É RECONHECIDO O DIREITO DE TODOS OS CIDADÃOS À CULTURA FÍSICA E AO DESPORTO.”

buição ou aproveitamento de recursos, e ao modo como estes são rentabilizados (desde o vasto número de estruturas naturais que existem no distrito de Castelo Branco e que por vezes são desaproveitadas até pavilhões desportivos, ou piscinas). Por exemplo, se percorrermos os pavilhões do distrito de Castelo Branco ao início da noite verificamos que muitos deles estarão completamente vazios, poucos têm alguma ocupação e apenas alguns têm muita ocupação. Face à não existência de um planeamento de desenvolvimento estratégico ou de uma carta desportiva com estudos sobre a melhor localização geográfica das infra-estruturas e do tipo de actividades a potenciar na região em função dos seus recursos naturais e do enquadramento cultural, continuam a cometer-se erros crassos que terão repercussões na quantidade e qualidade da prática desportiva. Em nosso entender, face ao valor e carácter agregador que o desporto assume para as populações, a falta de planeamento e estratégia é muitas das vezes uma estratégia em si mesma para submeter alguns agentes aos interesses de outros.

Outro dos aspectos preocupantes é que, face ao envelhecimento da população, hoje existe grande “moda” na promoção de prática desportiva para idosos. Por outro lado, a promoção de prática desportiva para jovens é também bastante propalada. Face a estas excelentes iniciativas de intervenção, porém, muitas das vezes é esquecida a população activa. A população activa necessita de ter programas próprios e adequados de promoção de prática desportiva. Este é um dos mercados pouco explorados que, para além de benefícios na diminuição do risco de surgimento de algumas doenças crónicas, ou na contribuição para uma vida mais activa e saudável, permitirá a criação de receitas próprias por parte dos clubes e associações.

Em suma, pensamos que para pensar e intervir no desporto é necessário pensar no que pretendemos que seja a sociedade no futuro. Deixamos algumas ideias que nos preocupam e alguns caminhos que nos parecem adequados. Consideramos que uma definição clara e pública de planos estratégicos de desenvolvimento desportivo é, sem dúvida, uma mais-valia para todos os agentes desportivos.

Apenas se todos “remarem” na mesma direcção poderão permitir que exista mais e melhor desporto! É preciso pensar o futuro! ■





O AUTOMOBILISMO AO SERVIÇO DA REGIÃO

Paulo Almeida

Será o automobilismo um desporto? E sendo-o, em que medida pode ajudar a actividade económica da nossa Beira Interior Sul?

Vamos então tentar responder a estas questões. Começemos pela primeira, que é a mais fácil. Sim, o automobilismo é um desporto e, como em muitos outros desportos, os seus praticantes de elite são verdadeiros atletas.

Quanto à segunda questão, vamos começar por ver o que se passa fora da nossa região.

Não restam dúvidas de que existem algumas cidades e regiões, que devem a sua notoriedade ao relacionamento histórico com o automobilismo. Nomes como Monte Carlo, Le Mans, Indianápolis ou Daytona aparecem indubitavelmente colados a este fenómeno, e os seus governantes continuam a fomentar esta ligação, como forma de se manterem como referências, assegurando assim o desenvolvimento de sectores da sua economia local, com “**merchandising**” próprio.

Já no panorama nacional, as regiões não estão a saber aproveitar o que a história lhes ofereceu. Um local mítico como Arganil, muitíssimo conhecido lá fora, está a diluir-se com o passar do tempo. Já perto da capital, o circuito do Estoril que, desde o início dos anos 70, foi a catedral do automobilismo em Portugal, parece preparar-se para ser desactivado, inúmeras são as restrições ambientais. Outro caso que tentou resistir, a cidade de Vila Real que, durante as últimas décadas do século XX, manteve um circuito muito conhecido em toda a Europa, no qual correram muitos ases do volante que, na altura, eram cabeças de cartaz da Fórmula 1. Há quatro anos, o circuito foi revitalizado, mas sem chama, e as últimas notícias apontam novamente para o esquecimento.

E na nossa região, será que poderemos usar o automobilismo como ajuda para a notoriedade e desenvolvimento da economia local?

De uma coisa não nos podemos queixar, na Beira Interior Sul, os nossos antepassados deixaram-nos história. Senão vejamos: Uma das primeiras competições automobilísticas realizadas no nosso país teve como palco a cidade de Castelo Branco, em 1903. Na época, estas provas de estrada denominavam-se concursos de excursionismo. Esta prova ficou conhecida como “O Circuito das Beiras” e realizou-se nos dias 3, 4 e 5 Novembro, com um percurso de 444 quilómetros, divididos em três etapas, Coimbra - Castelo Branco, Castelo Branco - Guarda e Guarda - Coimbra. A prova foi organizada por Tavares de Mello, representante em Coimbra da marca Darraq.

Ainda na primeira metade do século XX, de registar a disputa da Corrida da Rampa, em Julho de 1928, apoiada pela Câmara Municipal de Castelo Branco e pelo Jornal O Século, no qual teve honras de primeira página. Como curiosidade, de referir que, nesse ano difícil para Portugal, apenas se disputou esta prova e uma outra de características similares, em Gouveia.

Foi, no entanto, no início dos anos 60, que na Beira Interior Sul, começaram a aparecer mais registos de outras actividades automobilísticas, muito ligadas ao movimento de tertúlia que, por essa altura, tinha como sede o Hotel Turismo de Castelo Branco, e que em 1964 iria dar origem à Escuderia Castelo Branco.

Tal como no início do século XX, eram especialmente as pessoas ligadas ao comércio automóvel que promoviam provas automobilísticas, pois na época era a forma mais directa de publicitar os seus produtos.

A Escuderia Castelo Branco está, sem dúvida, ligada ao sucesso do desporto motorizado na região. Como outras associações, teve os seus altos e baixos, mas é de longe a associação desportiva que mais ajudou a promover esta região, e maior retorno lhe trouxe.

O crescimento da Escuderia Castelo Branco está muito relacionado com a construção do Parque de Desportos Motorizados de Castelo Branco. Esta foi um marco importante, que permitiu trazer Provas Internacionais de Campeonatos FIA. Modalidades como Autocross ou Todo o Terreno trouxeram equipas do “top” mundial, e tornou possível a outros grandes clubes utilizar estas infra-estruturas, como o Automóvel Clube de Portugal, o Clube dos 100 à Hora e o Clube Aventura.

Ainda como nota de interesse, há que referir que existem determinados locais da região, que hoje são conhecidos mais pela relação com o desporto automóvel do que por qualquer outra promoção. Deixem-me dar o exemplo do castelo do Rei Wamba. Grande parte dos turistas que por lá passa, de certeza, não se lembra de associar o nome ao local. Mas, se perguntarem a um piloto de ralis clássicos, de certeza que este se recorda da rampa do castelo do Rei Wamba, onde os mais atentos, até sabem quantas curvas há, desde a linha de caminho de ferro até ao castelo, tantas são as organizações que utilizam este percurso. Podemos falar também das Termas de Monfortinho, que até há poucos anos mantinham o seu nome associado a um dos mais carismáticos ralis de automóveis antigos, que a existir, disputaria em breve a sua vigésima edição.

Mas, não só as provas projectaram a Beira Interior Sul, há praticantes que levaram bem longe o nome da região. Era ainda miúdo, e já ouvia falar dos feitos do Francisco Romãozinho que, no seu “boca de sapo”, fez parte da equipa de Fábrica da Citroën, com quem disputou vários ralis do Campeonato do Mundo. Mais tarde, apareceu André Martinho, que chegou a dar pontos à Porsche, no mundial de marcas. Também se deve ter em conta, o título conquistado no Nacional de Ralis pelo Manuel Rolo.

Em 1998, nasce na região, o Clube de Automóveis Antigos de Castelo Branco. Esta nova associação aparece numa altura em que no país começava a despontar o interesse pelo colecionismo automóvel. A principal missão desta nova associação passa por fomentar a preservação do parque automóvel histórico, através da oferta de serviços, prestação de informação útil aos associados e realização de certames temáticos. O crescimento do clube mostra que havia uma lacuna na região, que com sucesso foi preenchida pelo Clube de Automóveis Antigos de Castelo Branco.

Mas, afinal de que forma pode o desporto automóvel, ajudar a manter viva esta nossa Beira Interior Sul?

Tenho para mim que devemos apostar em dois caminhos paralelos, tendo sempre como princípio que devem ser as associações os motores desta actividade. As associações são verdadeiros tesouros ao serviço da comunidade e qualquer governante local deve estar grato, pelo facto de ter na sociedade civil gente com energia para transformar um pequeno apoio em grandes eventos que multiplicam o seu investimento.

Em primeiro lugar, devemos ter associações que funcionem como “ninho de talentos” e que façam aparecer pessoas capazes de trabalhar nesta actividade com qualidade e sejam praticantes com futuro. Cabe aos dirigentes destas associações, manter elevados níveis de motivação nos seus associados, com oferta de serviços, disponibilização de informação, e capacidade de penetração junto dos jovens, nomeadamente, com interações no meio escolar.



Destas associações emergirá, sem dúvida, gente capaz de enveredar pelo nível seguinte. Neste nível devem aparecer organizações de nível global, capazes de aproveitar o que a sociedade actual nos facilita.

Hoje, na nossa região, podemos fazer coisas e ter acesso a conhecimento que não era possível no século XX. Tão rapidamente vamos à melhor feira de clássicos em Essen, como com pouco dinheiro conseguimos ir ao “Goodwood Festival”. Assim, podemos ver como fazem os melhores para fazermos ainda melhor que eles. Pode parecer ambição a mais, mas podemos começar passo a passo, sendo fundamental projectar os nossos eventos, no país vizinho. Claro está que, a este nível, temos de ter organizações de cariz empresarial, que podem surgir dos clubes como por exemplo as conhecidas SAD’s, daquele a que alguns chamam o “desporto rei”. Estas organizações têm de actuar de uma forma profissional, de modo a trazer retorno sem riscos às instituições e patrocinadores. Estes eventos têm de, claramente, ultrapassar as fronteiras da região e do país, captando apoios e participantes em qualquer parte do mundo. Devemos ter a capacidade de inovar e utilizar com imaginação as ferramentas que as novas tecnologias colocam à nossa disposição. Qualquer evento que não esteja bem representado na Internet, nas redes sociais, na imprensa e imprescindivelmente na televisão, é claramente um evento condenado ao esquecimento.

Podemos questionar-nos, se a este nível não seria melhor comprar estes serviços em qualquer parte do mundo. Certamente que não, o caminho correcto é apoiar o desenvolvimento de organizações locais, para que, quando tivermos de por de pé um grande evento, não seja necessário importar serviços, mas tenhamos já o saber que nos permita também exportar, que é o que nos faz falta.

E o que significa exportar neste contexto? Significa organizar um evento, nas nossas terras, no qual os participantes estrangeiros deixem os seus euros nos hotéis, nos restaurantes, nas estações de serviço, nas oficinas e, se tudo correr bem, divulguem o nome das terras da Beira Interior Sul, por esse mundo fora. Se somarmos a isto, a contratação dos serviços das nossas organizações, por parte de organizações estrangeiras para os seus eventos, estamos no bom caminho.

Hoje em dia, o desporto automóvel de alto nível é cada vez mais isto, e se seguirmos este caminho o automobilismo pode ajudar a Beira Interior Sul. ■

ORA AÍ ESTÁ... TUDO DEPENDE DA INICIATIVA!

Entrevista Com João Paulo Matos



ACTUALMENTE PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FARIA DE VASCONCELOS E COORDENADOR DE ZONA DE RECRUTAMENTO DO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL - “OLHEIRO”, EX-COORDENADOR TÉCNICO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE CASTELO BRANCO DURANTE 10 ANOS, EX-JOGADOR DO SPORTING DA COVILHÃ, 46 ANOS DE IDADE, DIZ-SE NÃO AVENTUREIRO E CONFESSA GOSTAR MUITO DO QUE FAZ. EIS O QUE NOS DISSE.

Como professor de educação física lida com muitos jovens... em sua opinião, para eles o que é isto do desporto... para que serve o desporto para a juventude de hoje?

O desporto, para eles, não sei se eles têm essa percepção, é fundamental em termos de sociabilização. O desporto transmite valores tremendos, que cada vez mais se vão perdendo. Os valores do desporto serão sempre a superação, e são esses valores que sempre tentamos passar na escola e nos treinos: é a superação, tentar amanhã ser melhor que hoje. Mas não é só no desporto, é também na vida.

Que importância tem o desporto neste território (BIS)?

Tem pouca e deveria ter muito mais. Neste território ou em qualquer outro, porque serve para promover a saúde e o bem-estar de quem o pratica. Temos crianças cada vez mais sedentárias e obesas e o desporto merece que seja feito um investimento nesse sentido... porque esta história de quererem acabar com o desporto escolar é um verdadeiro crime. Só querem acabar com ele para poupar dinheiro, é uma medida puramente economicista, querem poupar e esquecem-se que depois vão gastar mais com a saúde. Porque em vez de fazerem um reforço no desporto, estão a fazer o contrário, estão a acabar com o desporto... eu estive 10 anos fora da escola e quando voltei tive um choque porque os nossos jovens têm um reportório motor cada vez mais fraco. Para lhe dar um exemplo, algumas crianças não sabem correr... não sabem correr! Nós damos atletismo, corridas de velocidade e eles caem. Coisas inacreditáveis! Há crianças que não conseguem correr 100 metros. Portanto o desporto serve para promover a saúde, para evitar a vida sedentária e todos os problemas inerentes.

Se na altura não houvesse o Sporting da Covilhã, você tinha ficado aqui pela zona ou teria ido para outro lado?

Sabe que eu nunca fui muito aventureiro e não sairia. Mesmo agora como treinador tive oportunidades de sair daqui e...

O que é que o prende aqui?

A família. Se na altura fosse solteiro... e não é só a família, mas também a segurança, porque o futebol não dá segurança nenhuma. A maior parte dos clubes não pagam, ficam a dever e, ou as pessoas têm uma condição económica que permita estar três ou quatro meses sem receber ordenado, ou então torna-se muito complicado e todos nós conhecemos os dramas sociais e económicos que os clubes têm e que alguns jogadores passam. Porque quando se ganha 15 mil ou 20 mil euros por mês, ou mais, pode-se estar dois ou três meses sem receber. Hoje, a maioria dos profissionais de

futebol ganha 1500 euros. Estou a falar de 2ª divisão. No Sporting da Covilhã, a maioria dos jogadores não ganha mais de 1500 euros. É o que acontece com a grande maioria dos clubes! E quando falamos de ordenados de jogadores de futebol, só pensamos naqueles que ganham 10 mil, 20 mil, 30 mil... esses são uma minoria. A grande maioria ganha muito pouco.

Você diz que nunca foi aventureiro, o que quer dizer com isso?

Se calhar, se fosse aventureiro, na altura, quando um colega de equipa me propôs ir jogar para o Norte, penso que era para o Bragança, tinha ido, tinha arriscado.

Há quantos anos é professor de educação física?

Tenho 20 anos de serviço.

Em todas as terras há clubes desportivos?

Em quase todas as povoações há associações culturais ou desportivas que têm precisamente esse objectivo de animação/recreação, lazer, desporto e organização das festas. Hoje com os problemas que temos no interior, com cada vez menos população e cada vez mais pessoas a se deslocarem para o litoral ou centros mais dinâmicos, os clubes e as associações perdem expressão. Por exemplo, a dificuldade que hoje a Associação de Futebol de Castelo Branco tem em organizar um campeonato distrital, e note-se que já tivemos primeira e segunda divisão, é que hoje apenas temos uma primeira divisão com 12 equipas, ou seja, as associações desportivas, clubes, etc. das localidades têm cada vez menos activos.

Diga-me, as aldeias perderiam mais gente se não existissem essas associações?

Porventura essas associações terão um papel importante na fixação das pessoas nas localidades.

As associações ou a actividade desportiva?

As associações com a actividade desportiva. Porque uma é inerente à outra, ou seja, alguém tem que or-

ganizar as actividades desportivas e alguém tem de participar. Relativamente aos idosos, ontem vi uma ideia bem gira, desenvolvida por uma Câmara, que levou técnicos de educação física a lares e a associações para a terceira idade, onde organizam e desenvolvem actividades desportivas para os idosos com a finalidade de promover a auto-estima, o convívio, a melhoria da saúde e bem-estar, bem como manter e reeducar qualidades e desempenhos que se debilitam com a idade, é a chamada gerontomotricidade, proporcionando maior qualidade de vida aos idosos, muitas vezes isolados, abandonados e a sofrerem de profunda solidão.

No que se refere aos jovens, gostaria de salientar que a prática do desporto contribui para evitar comportamentos desviantes. O desporto tem a missão de transmitir valores, transmitir ideais e ideias fundamentais... o tempo que os jovens passam a praticar desporto é tempo que não estão com colegas que fumam, que se drogam ou outra tipologia de comportamentos desviantes que nós não queremos para os nossos filhos, pelo que considero que as associações e a actividade desportiva são determinantes e fundamentais.

Um professor de educação física pode exercer alguma influência no sentido de evitar que os jovens se vão embora deste território?

Sozinho não. Penso que em Castelo Branco claramente falta uma política desportiva, porque qual é a política desportiva dos nossos municípios? É dar dinheiro aos clubes e os clubes promovem as suas actividades, mas se qualquer cidadão quiser usufruir desses espaços para praticar desporto não tem acesso sem pagar. Os municípios devem criar condições para que os cidadãos possam praticar desporto sem estarem dependentes de uma associação para o efeito. Irem, por exemplo, a um estádio e terem a possibilidade de praticar uma actividade desportiva a um preço simbólico, porque o Estado tem o dever de promover a prática desportiva dos cidadãos. E se nós quisermos fazer isso em Castelo Branco não o conseguimos fazer.

O que me está a querer dizer, se eu percebo bem, é que há uma carência de equipamentos desportivos públicos?

Claro que há. Mas sem dúvida nenhuma que há. Eu acho que devia ser feita uma aposta clara nesse sentido, ou seja, todos os cidadãos serem estimulados a desenvolver uma prática desportiva activa e terem locais e equipamentos adequados para o efeito.

Mas não há por aí, em quase todas as freguesias, pavilhões e polidesportivos construídos pelas Câmaras? O que é que acha disso? Está tudo a funcionar?

Repare numa coisa, foram feitos alguns pavilhões e muitos deles estão num completo abandono, porque há uma política descontextualizada das necessidades dos territórios. Eu, às vezes, costumo dizer que parece não haver planificação. Porque creio que quando se vai fazer algo dever-se-ia planificar e saber qual é o público-alvo. Isso parece não acontecer.

Se fosse responsável pela política desportiva de Castelo Branco o que é que fazia?

Não tenho perfil nenhum para ser político. Mas a minha preocupação principal seria fundamentalmente tentar criar condições para que todas as pessoas pudessem ter acesso à prática desportiva o que, actualmente, não acontece. A prática desportiva é fundamental para a promoção da saúde, bem-estar e da sociabilização, considerando que temos cada vez mais gente isolada. Ainda ontem umas velhinhas diziam: “Eu venho sempre, nem é pela ginástica mas porque pude estar com outras pessoas, conversar e conviver com outras pessoas”. Até mesmo para as crianças... na sociedade em que vivemos, cada vez com mais perigos, as pessoas têm medo de deixar as crianças vir para a rua. A minha juventude foi passada a brincar na rua, a jogar futebol na rua. Se dermos uma volta pela cidade vamos ver quantas crianças encontramos a brincar na rua. Pouquíssimas, porque os pais têm medo.

Com razão ou sem ela?

Na minha opinião, devemos ter algum cuidado, mas parece-me que, num meio como o nosso, há algum exagero.

Se aqui em Castelo Branco há algum exagero... numa Aldeia rural como é?

Um exagero total.

Eu olho para este território, dou por aí umas voltas e, de facto, vejo que, em todas as freguesias, há associações, colectividades, etc. e há sempre jovens que participam dessas actividades. E a minha pergunta é, acha que sem a existência dessas actividades, há rapazes e raparigas que já tinham ido embora?

Eu não sei dar essa resposta, mas o senhor está-me a falar de associativismo, claramente de associativismo.

Desportivo sobretudo...

Penso que o associativismo tem um papel fundamental na organização de actividades e na fixação da população. Mas, embora esse seja um factor fundamental, se não houver emprego a população nunca se consegue fixar. Porque eu posso ser muito feliz na minha terra, mas se não tiver emprego tenho de ir embora. E aí, por muito bem que a associação trabalhe e crie atractivos sociais para a população se fixar, isso não vai acontecer. É capaz de criar condições de bem-estar e referências afectivas e motivacionais para se querer fixar, isso sim... mas, criar condições para fixar os jovens, não consegue.

Se eu pensar, não na questão desportiva mas musical... nas bandas, grupos folclóricos, etc., um dos problemas que têm essas colectividades, sempre tiveram, é encontrar um instrutor. E no campo desportivo? Tenho a impressão que muitas dessas colectividades limitam-se a organizar torneios de sueca e actividades similares... porque não têm um técnico que os ajude a desenvolver outras modalidades. Concorda?

É verdade. Porque a organização de outro tipo de actividade implica cus-

tos. Um técnico, salvo raras excepções, tem os seus custos e os clubes, mais uma vez, não querem investir.

Mas essa é uma área como todas as outras... ninguém me convence que se um professor de educação física começar a investir numa colectividade, desenvolvendo actividades gratuitamente, que ao fim de seis meses, um ano não tenha criado o seu emprego...

Isso é completamente verdade. Nem tenho dúvidas nenhuma acerca disso.

Depende da iniciativa da pessoa. Claramente. É preciso ter iniciativa, ser-se empreendedor e arriscar investindo.

Vou lançar-lhe um desafio. Imagine que chegava junto de si e dizia: tem um mês para pensar e conceber um programa para a divulgação e valorização do desporto no distrito de Castelo Branco.

Não ia ser fácil! Em primeiro lugar, teria de fazer-se um estudo de diagnóstico prospectivo. Conhecer profundamente os interesses das pessoas, os meios e recursos existentes e estabelecer parcerias. Não se pode traçar um plano e começar a fazer algo com a perspectiva de “vou fazer isto porque eu gosto”, primeiro é preciso saber o que é que as pessoas querem e gostam de fazer. Não se podem conceber planos sem se envolverem as pessoas, de costas voltadas para elas, porque depois existe um plano mas não existe público. Infelizmente é o que normalmente acontece, daí os parcos resultados.

O problema sabe qual é? O problema se calhar é esse... é que alguém tem de começar!

Mas há pessoas que são pagas para isso.

Mas também há pessoas que se podem candidatar para serem pagas por isso.

Ora aí está... tudo depende da iniciativa individual e colectiva. ■



“A CULPA NÃO É DO DESPORTO”

Filipe Baptista

Filipe Batista, natural e residente em Penamacor, licenciado em Ciências do Desporto pela Universidade da Beira Interior com Pós-Graduação em Desporto de Natureza e Aventura pela Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana e Pós-Graduação em Gestão com Especialização em Administração Pública pelo Instituto Politécnico da Guarda. Actualmente exerce funções de Responsável pelo Serviço de Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Penamacor.

Lema de vida - “É possível sermos os melhores... para começar é necessário querermos”

Tirei a minha licenciatura na Universidade da Beira Interior que albergou também um grande professor, hoje aposentado, o Prof. Doutor Fernando de Almada, autor de vários livros científicos, entre os quais “A Culpa não é do Desporto” que relativamente ao desporto nos diz o seguinte: “O desporto ninguém o nega, tem um peso enorme na dinâmica da sociedade em que se integra, em virtude dos meios que utiliza, das motivações que gera, dos recursos que mobiliza e das paixões que consegue despertar (...). Sendo um espectáculo que desperta paixões e críticas, chauvinismos e diálogos, agressividades e amizades, o desporto esconde, quase sempre, a sua verdadeira natureza. Ele é sobretudo um meio e um instrumento do processo de desenvolvimento social. Um meio e um instrumento excessivamente importante para que possa ser utilizado de forma irresponsável por pessoas que não o compreendam.”

É neste contexto que inicio esta exposição, pegando nas palavras deste ilustre professor.

Não pretendo ferir susceptibilidades de pessoas, instituições ou grupos, mas antes dar o meu contributo na importância que o desporto assume no desenvolvimento da nossa região. Alerto também o leitor de que o desporto é demasiado complexo para poder ser compreendido desta forma simplista, mas no final perceberão a mensagem.

O ASSOCIATIVISMO DESPORTIVO

O associativismo está em crise, ouve-se dizer. E está verdadeiramente. É necessário repensar o modo de desenvolver, sob a forma associativa, actividades desportivas, recreativas, culturais e outras, sob pena de se continuar a assistir ao afastamento das pessoas destas entidades bastante válidas e indispensáveis na sociedade. Para além da dificuldade do financiamento próprio das actividades (pagamento de quotas pelos sócios, subsídios de entidades públicas, patrocínios de privados, etc.), típica de organizações sem fins lucrativos, o problema da participação social surge actualmente como o mais preocupante, nomeadamente em relação aos mais jovens.

O problema da participação social surge logo ao nível dos dirigentes. Existe um grande receio por parte das pessoas (e dos jovens principalmente) para assumirem cargos de responsabilidade directiva nas associações. Só o entusiasmo de alguns, a sua carolice e “amor à camisola” têm permitido preservar as associações como organismos vivos. A rápida transformação do modo de vida num mundo moderno onde os horários de trabalho, com a chamada flexibilidade e insegurança social, desorganizam cada vez mais a vida social e familiar, torna-se cada vez mais difícil encontrar tempo para espaços de convívio e para actividades não remuneradas. Os ideais da solidariedade e da dedicação voluntária são cada vez mais repelidos e desprezados, os quais glorificam cada vez mais o sensacionalismo, o sucesso individual e o individualismo em detrimento do trabalho colectivo. Esta é uma enorme dificuldade, contrária ao ideal do associativismo, a considerar e tentar vencer nos próximos tempos.

Mas, se o associativismo está em crise, como resistem algumas associações?

O PAPEL DAS AUTARQUIAS

O Associativismo Desportivo é uma das principais áreas de actuação das Câmaras Municipais e das Juntas de Freguesia. É com muita dificuldade que os dirigentes desportivos conseguem obter outras fontes de financiamento para as suas actividades e



para as suas obras para além do que estas instituições lhes vão facultando. Daí o recurso sistemático às autarquias locais. E é aqui que saliento a necessidade da criação de um Regulamento de Apoio ao Associativismo por parte destas entidades para que as Associações resistam todas da mesma forma aos diferentes constrangimentos. Este regulamento permite que se defina a metodologia e critérios de apoio de forma a consagrar uma prática de transparência, rigor e imparcialidade nas relações estabelecidas entre os municípios e as estruturas associativas que promovam actividades de manifesto interesse para o desenvolvimento dos seus concelhos. Para além do apoio financeiro, outras vertentes poderão estar consagradas no regulamento, como por exemplo a cedência de transportes e comparticipação para a aquisição de viaturas de transporte; a cedência de material e equipamento desportivo; prioridade e condições de acesso aos equipamentos desportivos municipais; apoio técnico na organização de eventos, projectos, obras, etc.; apoio no acesso a legislação, documentação, acções de formação e diferentes fontes de financiamento públicas e privadas.

Além da regulamentação, entendo que as autarquias deverão adotar políticas e medidas operacionais que visem o aumento do número de pessoas a realizarem actividades desportivas, culturais, recreativas. Contudo, os poderes públicos não devem deixar de ter presente que o seu papel é o de complementar as ofertas existentes localmente, pelo que não se devem deixar cair no erro de concorrerem com o associativismo pois podem correr o risco de os clubes e as colectividades acabarem por se encostar a estas entidades, descuidando o cumprimento da sua importante missão, enquanto agregadores das populações e promotores do desenvolvimento local.

UM NOVO PARADIGMA

É inevitável que a passagem de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade de informação traga consigo alterações e mudanças evidentes no tecido social, na organização dos modos de vida, na valorização de novas concepções de actividade desportiva, cultural e recreativa, na inovação das relações estabelecidas entre os grupos e nos paradigmas centrados nas relações entre indivíduo e sociedade. O aspecto mais evidente é a renovação de princípios e valores quanto ao entendimento que os jovens têm vindo a dar ao significado da prática desportiva.

O desporto deve, antes de tudo, reinventar e reinventar-se, a partir dos grandes princípios que lhe deram origem: a convivência e solidariedade entre os homens e os povos; a formação cívica ao longo da vida; o desenvolvimento das capacidades físicas e motoras de um corpo adaptável e crítico ao seu envolvimento social e, principalmente, a valorização da sua capacidade cultural em “confronto” civilizado. As novas práticas desportivas também chamadas de natureza e aventura (Btt, pedestrianismo, escalada, canoagem, etc.) poderão ser um sinal positivo de mudança e complementaridade ao desporto “convencional” dos nossos dias.

As associações, as autarquias e as escolas terão de repensar e reinventar uma ordem nova de valores quanto ao desporto, considerando essas alterações e mudanças que se estão a passar ao nível das estruturas sociais.

O homem fará uma ruptura com o espaço uniformizado. Ao espaço estável com referências fixas seguir-se-ão práticas estruturadas em espaços instáveis e com referências de incerteza. As mudanças sociais originam inevitavelmente uma alteração nas representações práticas e formas de consumo em desporto.

O desporto evoluirá para novos horizontes, de acordo com as características próprias dos “modos de vida” que os cidadãos aspiram. Assim, exigimos um Novo Desporto, com estruturas e recursos humanos, materiais e conhecimento capazes de dar resposta às necessidades de consumidores integrados numa sociedade em permanente mutação; exigimos um Novo Homem, crítico, autónomo e capaz de rentabilizar as suas acções individuais e de interacção no seio de um grupo, perante um Novo Mundo, face às constantes alterações induzidas pelo aparecimento de inovações que exigem novas respostas.



O DESENVOLVIMENTO DA BIS ATRAVÉS DO DESPORTO

Numa região onde se procuram novas vias para o desenvolvimento dos espaços rurais no sentido da diversificação e inovação, procura-se, interpretando a procura, transformar alguns dos recursos locais num produto turístico capaz de desencadear dinâmicas de desenvolvimento e participação de pessoas e agentes locais.

A mais-valia da BIS poderá passar pela procura do desporto de natureza e aventura, porque esta região reúne condições naturais para tal e porque tem boas infra-estruturas necessárias para a prática dessas modalidades. É necessário fazer sentir que a prática deste tipo de desportos não implica a destruição de espaços naturais, mas sim a sua valorização como foco de turismo.

Então podem as associações aproveitar o potencial destes desportos (natureza e aventura) para combater o problema da participação social e propiciarem o desenvolvimento da região?

A resposta é afirmativa mas com algumas limitações. Basta que passemos alguns minutos na Internet para que possamos encontrar dezenas, talvez centenas de Associações que oferecem as mais variadas actividades na área dos desportos de natureza e aventura (principalmente passeios pedestres, passeios de Btt, passeios moto4, paintball, entre outras). No entanto, o Decreto-Lei n.º 108/2009 de 15 de Maio diz-nos que estas associações podem desenvolver este tipo de actividades apenas se se verificarem cumulativamente os seguintes requisitos: prevejam no seu objecto social a possibilidade de exercerem actividades próprias das empresas de animação turística (empresas que organizam este tipo de desportos para o público em geral); a organização das actividades não tenha fim lucrativo; se dirija única e exclusivamente aos seus membros ou associados e não ao público em geral; não utilizem meios publicitários para a promoção de actividades específicas dirigidos ao público em geral.

Em franca expansão em Portugal, o desporto de natureza e aventura reúne, cada vez mais, um grande número de adeptos e praticantes. É um elemento fundamental de qualquer destino turístico, a par de outros elementos, tais como o alojamento, a restauração, os transportes e serviços diversos, podendo concorrer decisivamente para a diferenciação de um destino e, assim, garantir-lhe uma vantagem competitiva face a destinos alternativos.

A diversidade paisagística, a riqueza, a representatividade dos valores ambientais e do património cultural são condições propiciadoras. Como tal, é necessário proceder a um inventário dos valores naturais e patrimoniais associados, ao estabelecimento de contactos e parcerias com proprietários, empresários na área da restauração e alojamento e à criação de uma rede de colaboradores (artesãos, pastores, ervanários e investigadores da área da história, arqueologia, etnografia, biologia, geologia) que dêem o seu contributo à região, de modo a que os praticantes possam desfrutar do melhor que a região tem, durante a prática das suas actividades.

Como tal, é necessário que nos sentemos à mesa e pensemos neste tipo de desporto, não só na perspectiva de negócio mas como projecção regional e até nacional das potencialidades naturais que possuímos. ■





FUTSAL...

JOGO DE VALORES

José Luís Mendes

[Licenciado em Ensino da Educação Física, Treinador Nacional]

Para retratar o futsal como um meio de desenvolvimento social é necessário entender as dimensões do desporto, entender o que efectivamente significa, todos os aspectos que o envolvem, analisar as características principais do futsal, os valores do jogo e dos seus praticantes, mostrando como se deve educar através do mesmo para chegar ao seu desenvolvimento.

O Futsal é já, inequivocamente, uma modalidade de grande popularidade no contexto desportivo. Esta modalidade tem vindo a caracterizar-se por um crescimento exponencial relativamente ao número de praticantes, e ao conseqüente incremento do número de clubes. Na actualidade, existem cerca de 1500 atletas a participar em provas nacionais divididos em três divisões num total de sete séries, cada qual com 14 clubes. Cerca de 25 mil inscritos em provas distritais, em todos os escalões e sexos, a nível nacional, distribuídas pelas várias Associações Distritais, sobre a égide da Federação Portuguesa de Futebol. Se a estes juntarmos os praticantes do Desporto Escolar e do Desporto Universitário (40500) teremos neste momento cerca de 67 mil pessoas a nível nacional, a praticar a modalidade.

O número de praticantes aumenta se juntarmos a estes as Escolinhas de Futsal, dispersas por esse país fora, dinamizadas por vários clubes e associações bem como pelos jogadores mais representativos da modalidade.

Outro factor de inabalável sustentação do seu crescimento tem sido a organização de eventos de elevada importância competitiva no nosso país. Desde a sua unificação em 1997, e passados escassos dez anos, tivemos no nosso país o Mundial Universitário 1998, a UEFA Futsal Cup 2001,

Fases de Qualificação para Europeus e Mundiais, Final da UEFA Cup e o Europeu de 2007. Para além disso, regista-se a participação de Portugal nos Mundiais 2000, 2004 e 2008; Europeus 1999, 2003, 2005, 2007 e 2010 na Hungria onde Portugal se sagrou Vice-campeão Europeu.

Toda a popularidade registada no Futsal está associada, também, à sua ligação institucional ao futebol, sendo por vezes confundido com este. O Futsal é um desporto distinto do futebol convencional, pois é uma conjugação de vários desportos, incluindo o próprio futebol. Recorreu não só a regras de outros desportos mas, também, a técnicas de jogo, como os bloqueios (basquetebol) e as rotações (hóquei em patins). O Futsal constitui um caso particular na medida em que é uma modalidade em expansão, ainda em estado embrionário, pelo que a orientação e condução do processo de ensino do jogo tem constituído uma reprodução de realidades idênticas ao nível de outras modalidades desportivas. Como Jogo Desportivo Colectivo evoluiu ao longo dos tempos nas suas características mais específicas, com incidência na dinâmica funcional do jogo. O espaço reduzido associado a um número reduzido de jogadores, apenas cinco, e a proximidade do adversário faz com que as acções se tenham de realizar da forma mais rápida. O próprio jogo em si, o seu plano regulamentar, aliado à velocidade das execuções técnico-tácticas, à rapidez das decisões e variabilidade das situações de jogo apelando à inteligência táctica, torna-o extremamente motivante e apelativo. É uma modalidade de todos e praticada por todos que tem congregado várias pessoas de diferentes estratos sociais.



Observa-se que o entendimento do futsal neste contexto está intimamente relacionado à maneira como o mesmo é orientado, quer pelos professores quer pelos técnicos, já que suas características por si só, apesar de positivas, não atendem a todos os requisitos do conceito de desenvolvimento de um cidadão dentro de uma sociedade.

Assim, entende-se que por se tratar de um desporto colectivo que evidencia valores de solidariedade e cooperação, mas ao mesmo tempo mostra as facetas da competição, o futsal assemelha-se muito com o próprio quotidiano, sendo portanto um importante meio ou instrumento de preparação das pessoas para as várias situações da vida e, conseqüentemente, é um agente do desenvolvimento social já que possibilita todas as experiências necessárias ao indivíduo.

O desenvolvimento de uma sociedade que pode ser medida pelo desenvolvimento individual das pessoas que a compõem está relacionado com a saúde, a educação e factores económicos.

Vivemos num distrito em que o Futsal é a segunda modalidade com maior número de atletas federados e a primeira de pavilhão. Apesar da conjectura socioeconómica, esta modalidade tem conseguido manter um bom número de praticantes para a realidade em que estamos inseridos. É verdade que já viveu melhores dias, Castelo Branco há alguns anos atrás foi o quinto distrito com mais praticantes federados a nível nacional, tendo algumas equipas conseguido alcançar excelentes resultados desportivos.

Na presente época desportiva o distrito de Castelo Branco tem 8 equipas de séniores masculinos; 4 equipas de seniores femininos; 6 equipas de juniores masculinos e 9 equipas de juvenis masculinos, cerca de 350 atletas federados num total de 18 clubes. Neste contexto há 5 clubes representativos da Beira Interior Sul (BIS) ou seja 27,7% do panorama distrital.

É um número que cremos ter potencial para crescer na BIS, porque o Futsal é uma modalidade que envolve alguns meios logísticos manifestamente inferiores quando comparada com outras; além disso praticamente todas as freguesias dispõem de um Pavilhão Desportivo indispensável para a prática da modalidade, portanto há que chegar perto das pessoas responsáveis (políticos, professores/técnicos e dirigentes desportivos), pelo desenvolvimento da prática desportiva em geral e do Futsal em particular, para a convergência indispensável e necessária com o objectivo de um maior incremento da modalidade. Acreditamos que o futsal é uma modalidade apetecível, patenteia alguma visibilidade ao nível dos órgãos de comunicação social, jornais, TV, sites, rádios, etc, todos os dias é falado o que é extremamente positivo, não só pela divulgação mas também pela janela que se abre para a angariação de eventuais patrocinadores.

Neste momento consideramos que o mais importante para o crescimento sustentado do Futsal, é chegar às pessoas que não estão identificadas com a modalidade, é mostrar o caminho, é tentar angariar cada vez mais adeptos e essa é uma missão que todos os agentes do Futsal devem de uma vez por todas levar a cabo. ■



Vitor Rodrigues, 24 anos, licenciado em Desporto e Actividade Física pela Escola Superior de Educação de Castelo Branco e actualmente a frequentar o Mestrado em Actividade Física na especialidade de Motricidade Infantil.

Lecciona AEC (Actividades Extra Curriculares) no Município da Sertã, Actividade Física e Desportiva para crianças da Escola Primária, na EBS – Sertã e na Escola Primária de Cernache do Bonjardim.

“PRATIQUEM DESPORTO, MESMO QUE NÃO COMPETITIVAMENTE, POIS É SAUDÁVEL E PROPORCIONA BOAS AMIZADES, QUE DURAM PARA O RESTO DA VIDA”

Fernando Scherer

Presentemente, e numa sociedade onde o sedentarismo impera, as doenças coronárias ou derivadas surgem cada vez mais e cada vez mais cedo. E porque será? Vivemos *em crise* onde o que impera nas famílias é a quantidade de euros que entra para a sustentabilidade e em que a quantidade de horas que se trabalha não interessa! O pouco dinheiro que pode sobrar é utilizado em *pequenos prazeres*, tais como uma *almoçarada*, um fim-de-semana fora, entre outros... Com tudo isto, a preocupação com o bem-estar físico fica completamente descurada, dando azo a uma sociedade onde a obesidade impera, que por sua vez justifica o aparecimento das doenças atrás referidas. Estas surgem, não só pelo sedentarismo mas também pela má alimentação e pelo aparecimento do *fast food*, isto em todas as classes.

Relativamente às faixas etárias mais jovens, isto acontece não só pelo tipo de alimentação menos correcta, mas também pelo facto do mundo em que vivemos nos proporcionar tais hábitos. Presentemente as crianças passam a maior parte do tempo sentadas, até na escola, onde, por mais ridículo que pareça, a disciplina de Educação Física é opcional, uma vez que é uma Actividade Extra Curricular, pelo menos, no caso da escola primária. Em casa, este fenómeno também se observa, pois os pequenos passam a maioria do tempo a ver televisão, ao computador ou até a jogar nas mais variadas consolas. Na minha opinião, tudo isto é também influenciado pelos *media*, onde os medos dos pais surgem ao se falar de pedofilia, raptos, roubos, tráfico de órgãos, etc. Mas será este um motivo suficiente para uma criança não sair de casa, brincar com os amigos, jogar, divertir-se, cair, e até fazer algumas nódoas negras e feridas? Porque não fazê-las?

Eu, que vivi tudo isto, que joguei os mais variados jogos na rua, houve dias, em que cheguei a casa triste e a chorar porque caí, ou porque perdi ou até porque subi paredes ou árvores e acabou mal... enfim, um infinito número de coisas que no meu entender qualquer criança deveria viver, coisas absolutamente normais...

Na vila onde resido, Zebreira, concelho de Idanha-a-Nova, não existe nenhuma colectividade desportiva em funcionamento por vários motivos, entre eles, refiro a falta de condições a nível de infra-estruturas e material necessário, e também a falta de recursos humanos para que tudo isto possa funcionar.

Actualmente, pratico a modalidade de Futsal, pratico-a há 13 anos, numa freguesia próxima da minha, Ladoeiro, na Associação Cultural e Desportiva do Ladoeiro que, por sinal, é a única que mantém actividade no concelho, sendo que todas as outras estão extintas ou a funcionar sem estarem inscritas em alguma modalidade. Isto, compreende-se, porque muitas destas colectividades/associações deixaram de exercer actividade, muito pela falta de apoios!

Ultimamente e estando na *moda* tal prática, juntam-se grupos de pessoas e, todos os dias, fazem a sua caminhada, uns por ordens médicas, outros pela ausência de outras actividades. Na minha terra, existe igualmente um grupo de jovens que se junta pontualmente aos fins-de-semana e fazem percursos de BTT, inscrevendo-se também em algumas provas regionais, estas com datas muito intercaladas.

Para concluir, posso dizer que com o passar do tempo o clima de insegurança aumentou, muito por culpa dos *media*, o que faz com que os pais, cada vez mais, façam com que os seus filhos fiquem mais em casa e as actividades se façam aí. Quanto ao resto da população, o sedentarismo é alvo de vários aspectos, que vão desde a falta de tempo à preguiça, ou da falta de dinheiro para aplicação num ginásio ou em qualquer objecto para praticar desporto... O melhor é mesmo gastar esse dinheiro em coisas supérfluas. É a sociedade em que vivemos e em que as aparências ainda têm mais valor do que o bem-estar! ■

RAIA AVENTURA É PRECISO INOVAR!

Nuno Mateus

A Associação Clube Raia Aventura é uma Associação Juvenil, criada em 97 e inscrita no RNAJ (Registo Nacional de Associações Juvenis). Ao longo dos últimos anos, as actividades centraram-se nas modalidades paintball, montanhismo e tiro com arco, na animação desportiva e de rua e jogos tradicionais. Para além destas, promove campos de férias que englobam todas as modalidades. Conta ainda com um núcleo de desportos de combate (Judo e o Jogo do Pau Tradicional Português e, a curto prazo, o Ju-jitsu), apresentando assim um leque de actividades lúdicas, de competição e de ar livre que os jovens apreciam e procuram cada vez mais, não só como testagem aos próprios limites como também pelo espírito de aventura que envolvem, com muita adrenalina à mistura que, se orientadas com uma postura responsável e pedagógica, são o “cocktail” ideal para os jovens quebrarem o ritmo de vida sedentário com que os videojogos tendem a aliciá-los cada vez mais.

A Raia Aventura é uma Associação que se recusou a parar no tempo e sempre inovou, quer na diversificação de iniciativas, quer na organização de eventos. O trabalho desenvolvido e a postura arrojada assumida têm sido muitas vezes compensados, não só pelo acréscimo significativo e evolutivo das actividades e participantes, como pela atribuição de prémios a nível nacional que reforçam a nossa determinação na continuidade e melhoria das actividades, de que destacamos o mais recente “Prémio Especial - Associação Desportiva”, atribuído pela Revista “Jogada do Mês”. No ano passado participaram cerca de 4 mil jovens em 132 actividades, fenómeno justificado pelo crescendo de actividades. O facto de a participação não ser muito abrangente não minimiza a significativa importância destas actividades para o desenvolvimento social e cívico dos seus participantes, ao contrário, é acima de tudo uma honra, privilégio e alegria partilhar experiências e aprendizagens com os jovens.

Em 2011, te-
várias frentes: Tiro
com a participação
Campeonatos Nacio-
nais; paintball a nível
regional (Big Game Raia Aven-
tura e o Torneio Regional de Paintball 3x3, que se disputa-
rá em 3 etapas, a 10 de Abril, 15 de Maio e 19 de Junho); 1ª
Cãominhada de Castelo Branco, evento inédito que consis-
te num passeio para cães e respectivos donos, valorizando
o peso pedagógico que queremos inserir no evento, quer
a nível cívico com a sensibilização para a limpeza dos de-
jectos dos animais, quer em termos de saúde e protecção
animal com palestras sobre saúde canina; abertura do Ce-
nário Raia Aventura, com todas as infra-estruturas para a
prática da modalidade na vertente de cenário, que irá de-
ixar os praticantes da modalidade deliciados com aquele
espaço.

Todo este movimento, quer em termos humanos no que
toca ao número de pessoas envolvidas anualmente nas ac-
tividades, quer nas dinâmicas criadas no território, se tra-
duz também num factor de qualidade de vida na região,
pois dinamizamos actividades de lazer que eram, no come-
ço, exclusivas dos grandes centros urbanos. Também é de
relevar as questões económicas, nomeadamente quando se
organizam etapas do Campeonato Nacional de Paintball,
para além de outros eventos como big games e até provas
do circuito Europeu. Se tivermos em conta que cada prova
destas transporta para a região centenas de participantes,
logo consumidores, é fácil compreender que a Raia Aven-
tura já teve e tem um papel importante na economia local,
acrescida do facto de muitos dos participantes, que vieram
pela primeira vez à Raia Beirã, continuam a visitá-la num
âmbito de turismo familiar. ■



O DESPORTO NA BIS

Valter Martins



Valter Martins, 30 anos, natural da Aldeia de Santa Margarida. Licenciado em Ciências do Desporto. Professor de Actividade Física e Desportiva no 1.º ciclo do Ensino Básico. Professor de Educação Física no Ensino Profissional. Monitor de Hidroginástica e Gerontomotricidade de vários grupos no concelho de Idanha-a-Nova.

Na perspectiva da “Carta Europeia do Desporto”, aprovada pelos ministros europeus responsáveis pelo desporto, reunidos na 7.ª Conferência em Rhodes, o Conselho da Europa define desporto da seguinte forma:

“Entende-se por Desporto todas as formas de actividade física/desportiva, que através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou melhoramento da condição física e psicológica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

De acordo com as premissas consubstanciadas na Carta Europeia do Desporto, e de acordo com os objectivos individuais de cada pessoa, o desporto no que concerne à sua especificidade poderá revestir-se de distintas formas: - **práticas desportivas formais**, caracterizadas por regras, regulamentos e normas estandardizadas em que se encaixam o desporto federado e o desporto escolar; - **as práticas desportivas não formais**, que apesar de pressuporem igualmente uma prática desportiva regular, se diferenciam em alguns aspectos das práticas desportivas formais. São disso exemplo os grupos de actividade física de manutenção e turmas de hidroginástica; - **as práticas desportivas informais**, em que o auto-conhecimento e a auto-gestão são as principais características. São disso exemplo os exercícios realizados no fim-de-semana por grande parte dos indivíduos. Independentemente da forma que o desporto possa assumir, existe um conjunto de conceitos que são transversais a todas elas, nomeadamente, melhoria da qualidade de vida, aumento

da saúde, esforço, desafio, competição, lazer, tempo livre, regras, regulamentos, objectivos, princípios... De acordo com uma maior ou menor preponderância de determinados conceitos, as estratégias de fruição da modalidade em questão terão de ser diferentes. É importante seleccionar, de acordo com as capacidades e limitações de cada um e dependendo dos gostos pessoais dos diferentes indivíduos, uma modalidade desportiva que mais lhe apraz praticar. A prática desportiva regular promove em quem a pratica inúmeros benefícios em vários domínios, nomeadamente:

- i) domínio fisiológico - previne o atrofiamento muscular, melhora a resistência cardiovascular/aeróbia, proporciona aumentos de força, ajuda a preservar e a readquirir flexibilidade, melhora o equilíbrio e coordenação, ajuda a controlar a obesidade, aumenta a resistência às doenças pulmonares, atrasa o aparecimento de alterações posturais;
- ii) domínio psicológico - favorece o relaxamento, reduz e evita o estado de tensão, melhora o estado de humor, melhora o bem-estar geral, beneficia a saúde mental e a função cognitiva, proporciona um melhor controlo motor, desenvolve a confiança e a satisfação pela vida;
- iii) domínio social - fomenta a integração social e cultural, facilita a integração/participação na comunidade, favorece as relações sociais e culturais, proporciona sentimentos de satisfação e produtividade, contribui para a manutenção e aquisição de novas funções, promove a partilha de experiências entre gerações diferentes.



Os benefícios que a actividade desportiva poderá proporcionar em quem a pratica potenciarão de sobremaneira um aumento da sua qualidade de vida e da sua saúde, que segundo a Organização Mundial de Saúde diz respeito não só à ausência de doença como ao completo bem-estar a nível físico, psíquico e social. Para que um indivíduo possa estar em perfeito estado de saúde ele deverá reunir todos os níveis atrás referenciados.

Tendo em conta que a Beira Interior Sul é uma região em que a maior fatia a nível populacional é abrangida pelos idosos, tem-se assistido nos últimos anos a uma consciência da importância do exercício físico neste escalão etário, surgindo desta feita um conjunto de actividades/ programas direccionados para estas pessoas. Classes de actividade física de manutenção, de hidroginástica, grupos de caminhantes..., pontificam cada vez mais (felizmente) um pouco por todo o lado no amplo território da BIS. Nos casos anteriormente citados, figuram maioritariamente indivíduos do sexo feminino, ainda que numa fase inicial (pré-actividade) exista uma certa relutância em aderir a grupos de actividade física organizados, visto que grande parte destas pessoas em idade sénior nunca anteriormente tinha praticado qualquer tipo de actividade.

No que aos idosos do sexo masculino diz respeito, os jogos tradicionais assumem um papel preponderante na actividade física destes indivíduos. A carga cultural enraizada condiciona ainda a adesão dos homens a grupos de actividade física de manutenção. Importa referir que a actividade desportiva para este escalão etário deverá ter subjacentes as seguintes premissas:

- gratificante
- utilitária
- motivante
- integradora
- adaptada
- de fácil realização
- socializadora
- de qualidade mais do que quantidade.

No que respeita aos jovens (em idade escolar) que praticam desporto, fazem-no maioritariamente no âmbito do desporto escolar, acumulando em alguns casos a prática desportiva federada (maioritariamente futebol). O futebol (sénior e formação) constitui ainda o principal agente dinamizador das pequenas aldeias, vilas da nossa região, mobilizando as populações para apoiar os emblemas das suas freguesias, manifestando o seu sentimento de pertença e identificação.

Estudos recentes sobre os hábitos desportivos da população portuguesa, dos 15 aos 74 anos, mostram-nos que somente 23% da população pratica desporto, apenas 4% evidencia desejo de iniciar uma prática desportiva e que 73% não apresenta nenhuma disposição para o seu início (Marivoet, 2001). A BIS apresenta a nível de património natural e histórico/cultural mais-valias ímpares, que em minha opinião constituem os ingredientes essenciais para a realização de desportos de natureza. É imperativo que os promotores da nossa região consigam atrair até nós os desportistas ávidos de aventura, de ar livre, de vontade de conhecer e vivenciar experiências novas no âmbito desta temática desportiva (natureza), contribuindo desta feita para o desenvolvimento económico das localidades onde estes eventos se desenrolam, contribuindo de igual forma para despertar nas pessoas uma vontade de iniciar uma actividade desportiva, contrariando desta forma os estudos anteriormente citados.

A espaços alguns eventos de maior dimensão figuram nas nossas terras ainda que, em minha opinião, pequem por escassos, sendo esta região na maioria das vezes relegada para segundo plano em detrimento das zonas litorais, acentuando cada vez a interioridade a que estamos sujeitos.

Mais importante que uma “moda”, algo momentânea, o desporto deverá ser encarado como um hábito de vida e para a vida, fazendo parte intrínseca das actividades quotidianas das populações. Henry Kissinger dizia-nos: “Caminhante, não há caminho, faz-se o caminho a caminhar”, tracemos nós próprios o nosso caminho, tenhamos a coragem de alterar os nossos hábitos e as nossas condutas desportivas e aumentar de sobremaneira com uma prática desportiva regular a qualidade de vida das populações. ■

EVA DREAM

AS ALDEIAS FLORIDAS DE AFECTOS QUE TÓ ROMANO SONHO



“ SE UMA PESSOA PODE TRABALHAR A IMAGEM DE OUTRA, PORQUE É QUE UM POVO INTEIRO NÃO PODE TRANSFORMAR A IMAGEM DE UM PAÍS?”

Tó Romano

Imagine flores. Imagine flores espriadas pela imensidão dos campos enquanto rola pelo asfalto de uma auto-estrada. Imagine flores sarapintando as janelas de todas as casas, polvilhando todos os canteiros, colorindo todas as ruas... de uma aldeia. De uma vila. De um país. Isso é “Eva Dream”.

A ideia nasceu de um sonho real de Tó Romano, o famoso diretor da Central Models, aquando da sua visita ao Carvalhal, uma aldeia próxima da Figueira da Foz, “tipicamente feia como tantas outras em Portugal”, em 1996, e cuja essência vem amadurecendo até hoje, culminando na edição do livro “Eva Dream”.

Enquanto vagueava pelos destinos principais do povoado, o ex-modelo e estudioso de arquitectura deambulava igualmente nos seus pensamentos, procurando soluções estéticas para a descuidada descaracterização da pacata aldeia. E a ideia brotou, conforme descreveu na sua obra:

“Ia “desenhar” um sonho...

Casas dispersas, hortas e jardins à volta, queria pintar mil e uma fachadas, valeria a pena passar mais duas noites sem dormir. Azuis e verdes, cor de laranja e verde alface, azul escuro e amarelo limão. Podia utilizar as cores todas da paleta: violetas, rosas, vermelhos, dégradés e contrastes em texturas que o próprio sol e clima ajudariam a envelhecer e embelezar com o passar das estações”.

“Transpor para o exterior e devolver à Natureza as cores que a si pertenciam. Natureza colorida que agora podia envolver e abraçar as habitações com flores, trepadeiras, arbustos e árvores floridas ou de frutos. Nos pequenos lotes de terra e quintais que a maioria das casas possuía, poderiam brotar as cores das pétalas que com as fachadas dialogassem, criando para cada canto um cenário belo e harmonioso. Poderia estabelecer ligações acrescentando muros com floreiras, remodelar as habitações, construindo balaustradas e varandas de madeira com flores pendentes ou criar caminhos de sombra com alpendres cobertos de trepadeiras floridas”.

A passagem da imagem pictórica de uma aldeia florida para a imagem nacional do país mais florido do mundo ganhou consistência idílica e procura agora cativar o afecto dos portugueses. Segundo o autor, o mundo natural, pela sua beleza, é passível de criar uma cascata de emoções positivas no ser humano, que estarão na base para a superação da crise sorumbática, vazia de soluções, que afronta Portugal.

Sob o desígnio comum de tornar Portugal o país mais florido do mundo, um pouco à semelhança do que aconteceu com o fenómeno das bandeiras no Euro 2004, Tó Romano não tem dúvidas de que o povo português unirá as mãos e envidará esforços na prossecução deste objectivo de cariz emocional tão elevado. O retorno da comunhão do Homem com a Natureza despoleta a mais recôndita sensibilidade das pessoas, estabelecendo relações de afecto e a união necessária entre o povo, onde as flores surgem como motor de alavancagem para a tão ansiada mudança.

Em “Eva Dream”, a imagem de unidade nacional de um jardim à beira-mar plantado facilmente seria transportada para fora dos limites geográficos do país, atraindo visitantes de todo o mundo. O turismo ambiental, rentável o ano inteiro, em opção ao turismo do sol apenas viável nos meses de Verão, seria a nova aposta económica, arrastando, conseqüentemente, o desenvolvimento de actividades como a agricultura, o artesanato, a pesca, a hotelaria, a restauração, numa perspectiva de valorização dos produtos nacionais. E, mais importante ainda, o sonho de Tó Romano assegura, em última instância, a construção identitária de Portugal através de uma imagem trabalhada, nas suas vertentes política, visual e tradicional/cultural, pejada de reconhecimento externo, que este país não conhece desde os tempos áureos, mas remotos, dos Descobrimentos.



“A IMAGEM DE UM PAÍS ASSENTA DE MODO IDÊNTICO NOS MESMOS TRÊS PILARES: DESÍGNIO (PROFISSÃO), IMAGEM VISUAL E “ALMA”.

Desígnio ou identidade - a opção política - e o posicionamento global que cada País tem face à sua economia e a interacção desta com o mundo [...]

Imagem Visual - É o nosso desenho enquanto gestores e utilizadores do território. A colecção de imagens pictóricas que rapidamente caracterizam e fazem identificar cada país [...]

Alma - É o conjunto das características da população, os seus costumes, tradições, valores culturais e sociais [...] ■

CONFERÊNCIA

“EVA DREAM: VAMOS TORNAR PORTUGAL O PAÍS MAIS FLORIDO DO MUNDO”



“O EVA DREAM É UMA JANELA DE
OPORTUNIDADE, PORQUE EMOLDURA
A SATISFAÇÃO DOS SENTIDOS”

Tó Romano

O projecto “Eva Dream” de Tó Romano cativou, desde logo, a atenção da ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul pelo seu carácter emocional, unificador, mobilizador e identitário, desprovido de interesses subsidiários, mas revelador de grande potencial económico para o país, sobretudo para uma região marcadamente de afectos e carinhos. Num território eminentemente rural como a BIS, a relação do homem com o campo revela-se em laços de estreita cumplicidade, acarretando à partida vantagem sobre os demais territórios urbanos na aplicação de um projecto de tal natureza por terras raianas.

Com o objectivo de sensibilizar as populações rurais da Beira Interior Sul para a importância da construção da identidade nacional através da flora, a ADRACES, em parceria com a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, convidou Tó Romano a apresentar o seu sonho florido aos habitantes da BIS. A conferência, que decorreu no dia 26 de Março, no Centro Cultural Raiano, na vila de Idanha-a-Nova, sob o mote “O que aconteceria a Portugal se tivesse a imagem do País mais florido do Mundo?”, desenvolveu potenciais estratégias e planos de acção para o desenvolvimento integrado e sustentado através da imagem de um Portugal de flores e afectos. São as respostas e as conclusões do inspirado arquitecto a esta formulação que apresentaremos nas páginas que se seguem. Emocione-se, reflecta e aceite o desafio: coloque flores à janela!

“A ideia que hoje trago aqui não é cerebral, mas sim do coração. Baseia-se em afectos, em imagem e em amor. A imagem que me traz aqui é a de imaginar como seria se tivéssemos o país mais florido do mundo. Eu sou apologista de que a natureza é passível, pela sua beleza, quando nos envolvemos com ela, de criar situações de afectos. Muitas pessoas que estão aqui nesta sala, por trabalharem no campo, sabem melhor ainda que também se criam relações de afecto com a natureza”.

“O sonho Eva Dream é já antigo e consiste na transformação de uma aldeia tipicamente feia portuguesa na aldeia mais bonita e mais atractiva de Portugal. Há 16 anos atrás tive oportunidade de visitar uma aldeia chamada Carvalhal e que se situa a 15 quilómetros da Figueira da Foz. E fiquei triste com a aldeia porque era tipicamente feia, como tantas outras pelo país, com crescimento não estruturado. E, de repente, comecei a imaginar se a aldeia tivesse todas as casas pintadas às cores e comecei a imaginar flores por todo o lado, contrastando com as cores das casas. Comecei a imaginar arbustos floridos, trepadeiras floridas e árvores floridas”.

“Comecei a pensar que, se pictoricamente conseguisse transformar toda aquela aldeia com todas aquelas cores, aquela aldeia desconhecida para a maioria poderia atrair mais gente em termos turísticos do que provavelmente a cidade de Óbidos. Ao ter essa visão, comecei a imaginar o que seria preciso para colocar essa ideia em prática. E comecei a imaginar que atraindo turismo, começariam a aparecer restaurantes, lojas, hotéis... Ao tornar aquela a aldeia mais florida, isso daria azo ao aparecimento de uma enorme quantidade de oportunidades para tudo e para todos”.

“Acreditei que esse sonho era tangível pela mão de um homem só. Mais tarde, já em 2009, contei este meu sonho a um amigo, que me disse que o Eva Dream poderia ser o embrião para levantar Portugal.”

“Com o país completamente florido, nós nem precisaríamos de publicidade, porque iríamos atrair turistas de todo o mundo”.

“A imagem é a base do meu trabalho profissional desde há 30 anos. Mas o que é a imagem? É simplesmente a foto da pessoa? Não, é algo muito mais complexo, resultante da fusão de três vertentes. O primeiro ponto que define a imagem de uma pessoa é a sua actividade profissional e o seu desempenho mais ou menos eficiente. O Cristiano Ronaldo tem uma imagem profissional exemplar. Mas, enquanto pessoa, qual é a sua imagem?



Ficamos com algumas interrogações. Ou seja, o desempenho profissional não chega e advém um segundo ponto: a imagem fotográfica, o cuidado ou não com a aparência física, a que chamamos memória fotográfica da pessoa. Depois, há também um terceiro ponto fundamental a que eu chamo a alma de uma pessoa - a sua maneira de ser, a sua personalidade, o seu modo de vida, o seu modo de pensar e de estar, transmitindo-nos os seus valores culturais, o modo como se relaciona com a sociedade”.

“A imagem de uma pessoa pode ser trabalhada. Na minha agência posso ter pessoas naturalmente mais antipáticas, mas que, se prepararem os discursos e tiverem um sorriso na cara, se tornam simpáticas. E transpondo tudo isto para a imagem de um país, cheguei à conclusão que funciona exactamente da mesma maneira, com estes três pontos. E qualquer um deles pode ser trabalhado, ajustado ou modificado”.

“O primeiro pilar da imagem de um país não é a profissão, mas o significado económico e político que o país representa. Se pensarmos no Japão associamos a computadores e automóveis, se pensarmos em Itália associamos a pizza, se pensarmos em Portugal temos dificuldade de associar a alguma coisa. Sempre nos identificámos com os Descobrimientos, mas muito tempo já passou depois disso e hoje não temos uma identidade definida. O segundo ponto consiste nas memórias que nós temos desse determinado país. Se falarmos em França, vem imediatamente à memória a Torre Eiffel, se falarmos de Inglaterra, provavelmente o Big Ben, se

falarmos de Portugal, será a Torre de Belém, o Fado, etc. O terceiro ponto diz respeito às características de todos nós. Eu sinto que há dois adjectivos que nos caracterizam intensamente: a bondade e a generosidade. E, porventura, são duas qualidades que os portugueses têm vindo a perder”.

“Se uma pessoa pode trabalhar a imagem de outra, porque é que um povo inteiro não pode transformar a imagem de um país?”

“O que aconteceria se Portugal tivesse a imagem do país mais florido do mundo? Andei três meses a sonhar acordado, em euforia absoluta, porque comecei a pensar nas respostas, elas foram surgindo e começando a encadear-se, e eu percebi que esta ideia poderá mesmo mudar Portugal”.

“O primeiro ponto de mudança seria, sem dúvida, o turismo. O principal braço do turismo nacional é o turismo do sol que dura apenas um mês a um mês e meio. Tem incidência no Algarve e Litoral por causa das praias. Se tivéssemos o país todo florido, poderíamos fazer alavancar o turismo ambiental que, para mim, é o turismo do futuro. O turismo ambiental é um spa a céu aberto. E se nós fizéssemos de Portugal um jardim à beira-mar plantado, poderíamos construir um país em que a contemplação nos ajudasse a reduzir a velocidade para ficarmos mais calmos e readquirirmos os nossos equilíbrios perdidos com o stress diário”.

“O turismo ambiental não funciona só em Agosto, funciona de Janeiro até Dezembro. Por outro lado, não funciona apenas no Algarve e na Costa Ocidental, funciona desde o Algarve até ao Minho, por todas as regiões de Portugal. E uma cidade, vila ou aldeia que se sinta engalanada com árvores floridas e que dedique a sua atenção à natureza tem capacidade de atrair pessoas e, consequentemente, de criar condições de iniciativa para todos os portugueses, quer para os grandes grupos hoteleiros, quer para a pequena família”.

“E o que aconteceria aos produtos portugueses? Os produtos portugueses não são por nós amados, não lhes dedicamos atenção especial, vamos ao supermercado e queremos lá saber de onde vem a laranja ou a cereja. Se nós tivéssemos uma imagem do país mais colorida, teríamos hipótese de, por causa da imagem, divulgar os produtos de outra maneira, através da publicidade”.

“Atrás das flores, vêm as abelhas, as abelhas fazem o mel e nós poderíamos elevar a imagem e a qualidade do mel português a ícone internacional. Facilmente poderíamos ter o mel mais famoso do mundo. Se o turismo ambiental estivesse desenvolvido, facilmente criávamos postos de venda em cada ponto para que os turistas o pudessem adquirir. Se, por todo o lado, se vissem rótulos com flores, facilmente esse mel começaria a ser exportado. O mesmo aconteceria com outros produtos. Eu consegui pensar em mais 150 produtos”.

“E ninguém conhece melhor os produtos portugueses como nas terras onde eles acontecem. Se optássemos por este caminho, às tantas, nem precisaríamos de publicidade para consumir o que é português, porque ganharíamos uma satisfação imensa por estarmos todos de mãos dadas em volta de um propósito e apreciaríamos de uma maneira notável aquilo que é português e aquilo que é de Portu-

gal. E depois tudo se multiplicaria. Proveniente deste gosto pelos produtos portugueses, iríamos fomentar a vontade de produzir em Portugal”.

“A imagem do país mais florido iria permitir seguramente que Portugal pudesse funcionar também como o celeiro da Europa da agricultura biológica”.

“Poderiam desenvolver-se outras actividades para além do turismo ambiental. Até porque um factor de atracção desse turismo ambiental seria a vida nos campos. A imagem da agricultura pode ser virada para os jovens agricultores, desmistificando o velho de 70 anos, suado e vergado em esforço sob o sol. Devemos aproveitar o que de melhor a tecnologia nos oferece para que o trabalho no campo não seja tão pesado como há muitos anos atrás. Além disso, os mais velhos, que sabem tudo sobre o campo, ainda vão a tempo de transmitir o seu saber às novas gerações. Seria óptimo se fossem as próprias populações a abrir caminho para que os políticos implementassem novos rumos no país”.

“Estamos numa época que assistiu a uma migração com números arrepiantes dos campos para as cidades, sobretudo por questões de emprego. Com o país florido, conseguiríamos criar diferentes oportunidades de emprego para repovoar os campos. Até porque vivemos, actualmente, uma situação dramática de desemprego também nas grandes cidades. E muitas das famílias que encontramos hoje desempregadas nas cidades são aquelas que partiram exactamente há 50 anos dos campos por falta de trabalho. Muitas dessas famílias ainda têm as propriedades e as suas casas no campo, que estão fechadas e que podem vir a ser retomadas”.

“Mais gente a viver no campo significa a possibilidade de aparecimento de mais actividades paralelas”.

“A imagem do país mais florido do mundo iria ajudar ainda mais a exportação das energias renováveis, tão em voga hoje em dia, neste país. Poderíamos igualmente alavancar a moda, através da produção de produtos de cosmética oriundos das grandes planícies de flores de Portugal. E, se calhar, muitos jovens gostariam de ser jardineiros, porque seria uma profissão com dignidade de imagem e elogiada por todos. E a agricultura seria também uma profissão dignificada. E, por arrasto, também a pesca”.

“Julgo que este projecto iria dar azo a que, pela primeira vez, houvesse um desígnio nacional, em que os portugueses soubessem para onde ir, com um objectivo de acção traçado, todos de mãos dadas caminhando na mesma direcção. Isto iria permitir a assunção da dignidade de todas as profissões, estabelecendo entre todos nós relações de afecto e com uma consciência ambiental colectiva desenvolvida através da elevação da nossa auto-estima”.

“Em pleno século XXI, só há uma possibilidade de esta utopia se concretizar: é pela propagação de emoções positivas através de toda a sociedade. E nós já registámos esse fenómeno em Portugal, em 2004, através das bandeiras de Scolari, no Euro2004. Conseguimos despertar uma onda de simpatia pelo mundo inteiro. Com as flores pode resultar de igual forma e de modo perene, uma vez que não vai haver derrota contra a Grécia que abale este sentimento de afecto”. ■

“EVA DREAM”

PARA OS RAIANOS É...



“Trata-se de preservar o conceito de o nosso país ser reconhecido internacionalmente como um país onde a diversidade de plantas e flores é motivo de orgulho. Este evento teve como objectivo incentivar a população à colocação de flores às portas, para que o nosso país seja reconhecido como o país mais florido do mundo, não se perdendo o uso ou costume, em que em tempos se considerava Portugal um jardim à beira mar plantado.”

Isabel Teresa Nunes, Idanha-a-Nova

“É o despertar para o optimismo e para a criatividade... É mergulhar na bela natureza e devolver-lhe o nosso sorriso... É o sonho onde eu de olhos muito abertos gostaria de fazer parte... É a clara lucidez do pensador no caminho certo da Harmonia e do Amor”.

Otília Pousinho, Aldeia de Santa Margarida.

“É um sonho mas com “asas” para passar à realidade, tão simples como colocar flores à janela. Tó Romano colocou-nos a pensar que benefícios esta situação poderá trazer para Portugal. Portugal teria uma marca de conhecimento a nível mundial para cativar o turismo e promover todos os produtos regionais já existentes de norte a sul do país e, através de cultura de flores, com ligação a outros tipos de sectores empresariais, originando uma variedade de novos produtos, evitando a importação dos produtos estrangeiros e aumentando em grande massa a exportação dos nossos produtos para outros países. Com mais produtividade, haveria um forte crescimento de emprego e também de população. É impressionante, como uma simples flor mudaria a nossa vida.

“É uma excelente ideia querer tratar da imagem deste país cada vez mais cinzento, devido à crise que está a atravessar e ao descontentamento das pessoas. Ilumine sua vida com a delicadeza das flores.”

Catarina Santos, Aldeia de Santa Margarida.

“Por Eva Dream posso entender «Ter um Sonho» ou «O Sonho de Eva». Atrevo-me a dizer que é um projecto com muita imaginação, muita criatividade, mas, acima de tudo, um projecto com muito sentimento. E quem melhor que as mulheres da Beira para levar por diante um projecto tão ambicioso? A beleza das cores, linhas e formas de uma flor só se igualam à beleza interior guardada no coração de uma mulher”.

Maria Ofélia Pedro Roseiro, Zebreira

“Para mim o conceito Eva Dream pode funcionar até como uma terapia, desde que as pessoas sejam motivadas para o fazer. A ideia de colocar Portugal a florir é, nesta altura, muito importante, porque os portugueses se encontram muito cinzentos e amargurados...Vamos então fazer um esforço para fazer com que os portugueses sorrissem e, para isso, vamos encher as janelas de flores...”

Céu Ventura, Idanha-a-Nova

PRODER

MEDIDAS 3.1 E 3.2 EM EXECUÇÃO FINANCEIRA E SEGUNDO AVISO DE CONCURSO

A ADRACES, na qualidade de gestora do Grupo de Acção Local (GAL) Beira Interior Sul, encetou, em 2008, uma parceria com 28 entidades da região para a revitalização económica e social do território. Para o sucesso da implementação da iniciativa no terreno, baseou-se num modelo de desenvolvimento centrado no território, nas suas características específicas e suas necessidades de crescimento sustentado.

Esta estratégia de desenvolvimento local prevê uma actuação focalizada nas áreas de intervenção dos produtos tradicionais de qualidade, do turismo em espaço rural, do património rural, das pequenas e médias empresas, dos serviços sociais e de proximidade, e dos recursos humanos e institucionais, resultando a sua interligação concertada em desenvolvimento sustentável, coesão territorial e social e aumento da competitividade.

O Subprograma 3 do PRODER - Dinamização das Zonas Rurais é o programa que corporiza esta estratégia, norteadada pela abordagem LEADER, que representa um modelo de governação do território que visa captar novas formas de competitividade para as zonas rurais, recorrendo a uma estratégia integrada de resolução dos problemas locais e participando na melhoria da qualidade de vida dos territórios.

Em 2010, procedeu-se à abertura de um aviso de abertura para as 5 acções das medidas 3.1 e 3.2 do Subprograma 3 do PRODER. O prazo de submissão das candidaturas ocorreu entre 2 de Dezembro de 2010 e 15 de Fevereiro de 2011, tendo como orçamento global uma dotação total de 1.750.000 euros.

Os projectos aprovados no âmbito do primeiro aviso encontram-se em execução e a cumprir as metas estabelecidas.

A execução financeira das Medidas 3.1 e 3.2, no final de 2010, representou um montante total dos pagamentos efectuados no Subprograma 3 do PRODER no valor de 704.767,40 euros de despesa pública.

A Equipa Técnica do GAL, numa perspectiva operacional, actua segundo a metodologia LEADER, em que o acompanhamento dos projectos e iniciativas ocorre ao longo das diferentes fases do projecto:

Auscultação dos promotores do projecto e adaptação das respostas a cada caso, mobilizando de forma coordenada o conjunto de meios necessários. Esta postura implica um empenhamento recíproco de todos os agentes envolvidos no projecto.

Inovação, apresentando novas soluções para os problemas de desenvolvimento rural existentes e, assim, possibilitar uma mais-valia e uma competitividade territorial acrescida.

Relação aberta e activa com as outras instituições públicas intervenientes nos meios rurais, no sentido da melhor integração e eficácia das intervenções ao serviço do desenvolvimento.

Capacidade e abertura para desenvolver uma acção colectiva com outros agentes independentes com vista ao mesmo fim.

Em síntese, os Técnicos do GAL actuam como verdadeiros “agentes de desenvolvimento”, desempenhando um papel activo de acompanhamento, pautado por uma intervenção actuante através de atendimentos/reuniões, esclarecimentos, aconselhamento, divulgação, acompanhamento da execução, reunião com promotores para encontro de soluções e identificação de projectos integrados. Esta abordagem metodológica recíproca, em que o GAL se estabelece como a ponte entre as acções de desenvolvimento e a economia rural do território, é fundamental para a eficácia do dispositivo de apoio e para o sucesso dos projectos implementados no terreno.

Resultante do segundo aviso, o GAL BIS recebeu 39 pedido de apoio ao Subprograma 3 do PRODER, somando mais de 5,8 milhões e euros de investimento total e 55 postos de trabalho a criar. ■

GAL — BEIRA INTERIOR SUL

CANDIDATURAS ENTRADAS – 2º AVISO

Medida	Acção	Total de Pedidos de Apoio	Total de Investimento Proposto	Total de Investimento Elegível	Total de Despesa pública	Postos de Trabalho a Criar		Mantidos
						T. inteiro	T. Parcial	
3.1	3.1.1	4	962.353,24 €	962.353,24 €	577.411,94 €	8	0	0
	3.1.2	15	2.153.292,18 €	2.128.121,78 €	1.349.399,30 €	31	2	29
	3.1.3	10	1.606.739,00 €	1.601.873,37 €	856.470,71 €	13	0	16
3.2	3.2.1	9	842.754,95 €	829.002,93 €	497.401,75 €	0	0	1
	3.2.2	1	244.151,79 €	244.151,79 €	183.113,84 €	1	0	69
Total		39	5.809.291,16 €	5.765.503,11 €	3.463.797,54 €	53	2	115

“VAMOS CANTAR AS JANEIRAS... VIRA O VENTO E MUDA A SORTE” NAS TERMAS DE MONFORTINHO (IDANHA-A-NOVA)

“*Vamos Cantar as Janeiras...vira o vento e muda a sorte*” é a letra da canção “Natal dos Simples” de Zeca Afonso que mais se ouve na muito antiga tradição de cantar músicas populares de porta em porta através das ruas das aldeias, por grupos de pessoas que anunciam o nascimento de Jesus e desejam Feliz Ano Novo, desejando todos que vire o vento e mude a sorte das pessoas e dos lugares mais afectados pela desertificação.

Para estes Rostos e Expressões da BIS, cantar de porta em porta nas noites gélidas de Janeiro significa aquecer os corações, deles e dos outros, ultrapassar todas as fronteiras do isolamento e com alegria utilizar a música para alegrar a alma das gentes das Termas de Monfortinho. Em troca, recebem as Janeiras transformadas em sorrisos que, como disse o poeta Eugénio de Andrade, “*O sorriso foi quem abriu a porta. Era um sorriso com muita luz lá dentro, apetecia entrar nele...Correr, navegar, morrer naquele sorriso*”.

Acompanhar estes Rostos no cantar das Janeiras pelas ruas das Termas de Monfortinho foi uma experiência única e era bom que todos tivessem a oportunidade de sentir a emoção, a alegria e a enorme dedicação que estas pessoas transmitem e colocam numa actividade que é delas e que depende delas para ter sucesso e quebrar os silêncios das noites de inverno. Para a VIVER foi uma experiência muito especial e gratificante e por isso aqui fica o registo... com a esperança de que o vento vire, a sorte mude e sejamos todos mais felizes. ■



COM OU SEM INFERNO O LAGAR É UMA ARTE DOS “DIABOS”... (VALE SRA. DA PÓVOA, PENAMACOR)

Foi entre capachos, azeitonas, prensas, carrinhos, caris, sem-fins, bagaço, tinas, caldeira, bilhas, “inferno”, ... sim, sim, “inferno”..., e outros tantos sítios e objectos que a VIVER foi encontrar os rostos e muitas expressões de seis homens de bravura, sim bravura, porque não é fácil trabalhar 12 horas seguidas num lagar de azeite que ainda labora à moda antiga...

É num burburinho de entra e sai de sacas de azeitona que ainda muita gente do concelho de Penamacor vai ao lagar do Sr. Joaquim Vaz que, desde 1974, ininterruptamente, trabalha e produz azeite no Vale da Sr.^a da Póvoa. “*Sabe menina, antigamente, durante a época da azeitona, este lagar trabalhava 24h por dia sem parar, agora só já fazemos 12, porque muitas pessoas vão fazer o azeite nos lagares mais modernos.*” – Desabafa o Sr. Joaquim Vaz, proprietário do Lagar.

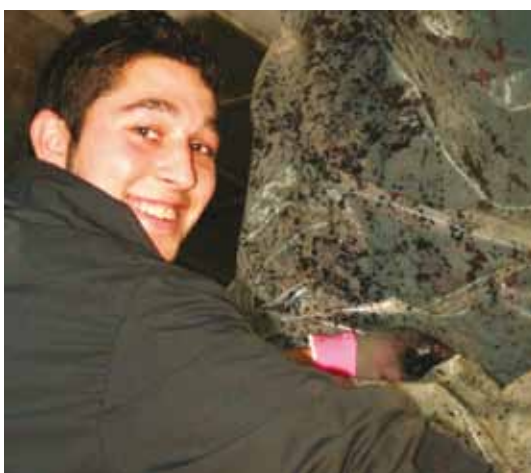
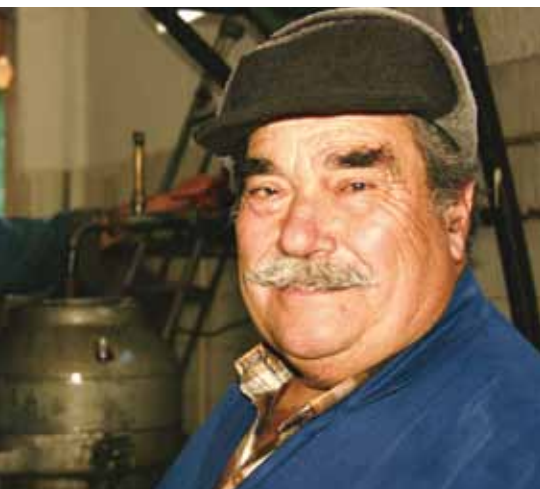
No patamar mais acima é num vai e vem que o Fábio Melo (o mais novo do grupo), e o Sr. José Adelino enchem os capachos um a um com a massa que já vem esmagada, e os colocam na prensa. Nesse momento é ao Hermínio que cabe a tarefa de pesar e despejar as sacas da azeitona que vão chegando. Enquanto sacudia o “bagaço” dos capachos que já tinham sido prensados, dizia-nos o Pedro: “*vim de Lisboa há 3 anos e agora estou aqui a trabalhar no lagar!*”.

Todos sabem o que têm de fazer... há sempre movimento naquele espaço, onde o aroma do azeite e o cheiro do “bagaço” são inconfundíveis e se misturam com o calor que sai da caldeira de água que ainda é aquecida a lenha...!

Mas é ao Mestre João que cabe toda a responsabilidade para que o Azeite saia com qualidade e garantidamente, sai. Pois não foi a primeira vez que ali fomos e, aquele azeite virgem, quer ele passe ou não pelo inferno, é mesmo de boa qualidade. Mais uma vez lá estava o Mestre João com o seu sorriso nos lábios a dizer-nos: “*Temos ali as brasas prontas para fazer uma “tiborna”, é só querer!*” As brasas que não são as do inferno, mas são as da caldeira que aquece a água, e nas quais se torra o pão que depois se mergulha no azeite para se fazer a tradicional “tiborna”.

Desta vez ficou por degustar a deliciosa “tiborna”, mas ficaram indelevelmente registados na memória os rostos e as expressões daqueles 6 homens que teimam em não deixar morrer uma das mais tradicionais artes da BIS. ■

1. Joaquim Vaz; 2. Mestre João; 3. José Adelino; 4. Pedro; 5. Fábio Melo; 6. Hermínio

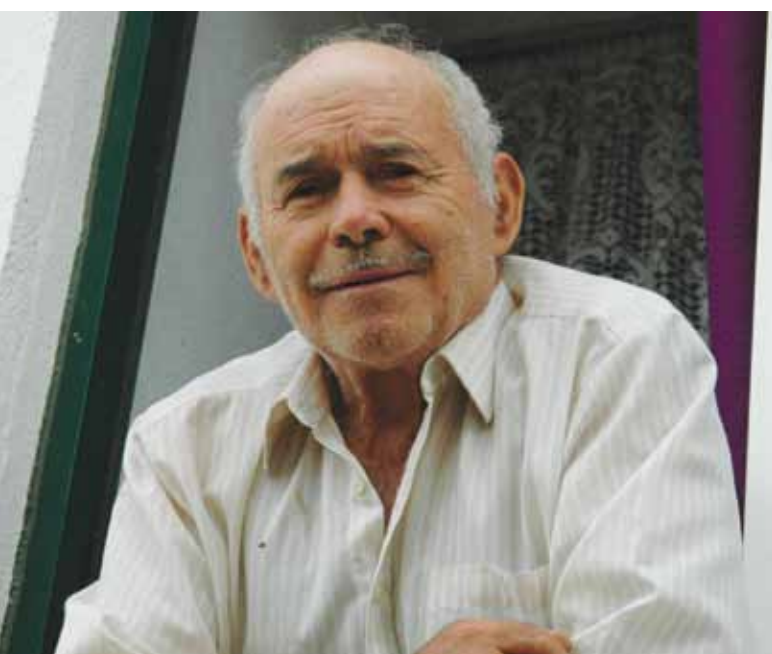


MOURELO

FREGUESIA DE SÃO VICENTE DA BEIRA (CASTELO BRANCO)

Calcorreando as ruas de Mourelo sente-se a vida que outrora existia na aldeia esgueirar-se por entre as esquinas das casas e das portas abertas que vão resistindo... e ficando. Berço que já viu muita da sua gente partir em busca de melhor, anseia que um dia a alma desassossegada daquele que se ausentou volte à procura de consolo no seu regaço. ■

1. José Esteves; 2. Elvira Gonçalves; 3. Virgílio Miguel; 4. António Martins



FRATEL E MONTINHO

(VILA VELHA DE RÓDÃO)



1. Vítor José Faustino; 2. Eugénio Ramos São Pedro; 3. Maria Da Ascensão; 4. Paulo Jorge

9h30. O sol começa languidamente a espreguiçar os seus calorosos raios pelos bancos da praça de Fratel. A esta altura, estão ainda vazios, sempre sob o olhar atento do busto do Eng. Araújo Correia, construído numa homenagem do povo da vila.

O buliço cresce vagarosamente com o adiantar da hora. Vítor José Faustino finda o seu passeio matinal, senta-se e aproveita a frescura da sombra do pequeno jardim. Observando o trôpego movimento dos habitantes pelas ruas, acaba por desabafar, com os olhos sobejando melancolia: “Cada vez estamos mais velhos e malta nova nem vê-la”.

Percorrendo os braços da cuidada vila, os transeuntes olham-nos de soslaio, com esgares de desconfiança. São de natureza fechada, fruto do isolamento que se adensa na alma da vila. É já só no largo do centro de convívio que encontramos novo rosto disponível para capturar. Eugénio Ramos São Pedro assiste ao jogo de futebol disputado por três crianças, que correm de bola no pé pelo campo cimentado pertencente ao clube. Com os risos pueris em pano de fundo, o Sr. Eugénio desfia opiniões sobre os rigorosos tempos actuais. “De momento, não temos gente, mas, num futuro próximo, não tenho dúvidas que as pessoas da cidade, quando não tiverem o que comer, têm que voltar a repovoar os campos”, sustenta ele.

A viagem pela freguesia prossegue com paragem no Montinho, uma das 15 anexas de Fratel (Carepa, Fratel, Gardete, Juncal, Ladeira, Marmelal, Montinho, Perdigão, Perledo, Riscada, Silveira, Vale da Figueira, Vale de Bezerra, Vermum e Vilar do Boi). O sol já vai alto, aproxima-se a hora do almoço e Maria da Ascensão regressa do campo a tempo de preparar a refeição. Corada pelo calor, debaixo de um chapéu de grandes abas, a D. Ascensão apressa-se a fazer pose para a fotografia. E chama Paulo Jorge, o castiço do lugar, para participar também. Logo ao lado, o ronco de um tractor abafa os lamentos da senhora. “Só gostava que este país desse valor ao que se produz cá. Não tenho a quem vender os meus produtos da horta, porque infelizmente em Portugal preferem importar tudo o que vem de fora, em vez de procurar escoamento para a produção nacional”. ■



Para procurar emprego na Europa

Se está interessado em procurar emprego fora de Portugal, uma das maneiras mais fáceis de encontrar o que procura com fiabilidade é, sem dúvida, o recurso ao “Portal europeu da mobilidade profissional” – EURES, onde poderá encontrar ofertas de emprego em 31 países europeus e o que deve saber sobre viver e trabalhar no estrangeiro.

<http://ec.europa.eu/eures/home.jsp>

AEV – Ano Europeu do Voluntariado

O Ano Europeu do Voluntariado é, simultaneamente, uma celebração e um desafio. É uma celebração do compromisso de milhões de voluntários europeus que, nos tempos livres, trabalham de forma gratuita nas suas comunidades, nomeadamente em escolas, hospitais e clubes desportivos ou em actividades de protecção do ambiente, prestação de serviços sociais e apoio às populações de outros países. Os esforços destes voluntários e dos vários milhares de organizações de voluntariado fazem, de muitas formas, uma enorme diferença nas nossas vidas. O mundo estaria bem pior sem voluntários! O AEV é também um desafio para três quartos da população europeia que não participam em qualquer actividade de voluntariado.

Discussão sobre possibilidades de pesca para 2011

A Comissão Europeia publicou um documento de consulta e de apresentação das suas intenções no que concerne à fixação do total admissível de capturas (TAC) e das limitações ao esforço de pesca para o próximo ano.

A Comissão deseja obter dos actores do sector das pescas um compromisso de maior alcance em favor da gestão a longo prazo, tendo em vista maximizar as vantagens para pescadores e consumidores.

Este documento é consultável em

<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:DKEY=515932:FR:NOT>

Importação de cereais – Direitos Alfandegários

Por proposta da Comissão Europeia foi suspensa, de 20 Fevereiro ao fim de Junho de 2011, a aplicação de direitos alfandegários à importação de cereais, aplicável a certas quotas tarifárias...

Os direitos alfandegários cobrados pela importação de certos cereais para a União Europeia estão suspensos até ao fim de Junho de 2011, a fim de acalmar o mercado europeu, sobretudo no sector dos alimentos para animais.

Esta medida, confirmada a 17 de Fevereiro passado pelos membros do comité de gestão dos cereais, visa favorecer a manutenção dum bom equilíbrio no mercado da U.E. A suspensão concerne os contingentes tarifários actualmente aplicados às importações de trigo mole de qualidade média e baixa e de aveia forrageira, cujos direitos preferenciais respectivos de 12€/T e de 16€/T foram reduzidos a zero dentro dos limites dos contingentes autorizados.

Para mais informações sobre este assunto consultar: <http://Europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/11/197...>

Ou: Roger Waite: 00.32. 02 296 1404

Johan Reyniers:00.32.02 295 6728

Um novo Atlas dos mares

Este documento facilita o acesso a uma verdadeira mina de informações sobre os aspectos ambientais, económicos, transportes, etc, dos mares. Pode consultá-lo em:

http://ec.europa.eu/fisheries/index_fr.htm ■



DESPORTO: UM CIMENTO AO SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Domingos Santos

[Docente do Instituto Politécnico de
Castelo Branco (IPCB)]



A investigação na área do desenvolvimento local é bem elucidativa de que as comunidades com maiores patamares de participação cívica são aquelas que, regra geral, apresentam melhores indicadores sociais e económicos: são mais prósperas, mais atractivas ao investimento, criam melhor os seus filhos, garantem maiores níveis de competências aos seus cidadãos. No fundo, o que se sabe, claramente, em síntese, é que as sociedades são ricas por serem organizadas civicamente e não o contrário. É esse o ponto que importa reter! Esse capital social é um bem que, ao invés das riquezas naturais e do capital humano, não pertence a um indivíduo, empresa ou instituição, mas sim a toda a comunidade. Eis, pois, o grande desafio para os diferentes territórios: aprender a ser cívicos como condição para melhorarem a sua qualidade de vida e se tornarem mais prósperos.

As consequências da acção do empreendedorismo cívico são notáveis. Na medida em que as interacções criam um ambiente que aumenta o capital social, geram-se condições que levam ao aparecimento de projectos colocados ao serviço da colectividade. Quando traduzidos em termos económicos, estas iniciativas dotam as comunidades locais da capacidade de produzir interacções fertilizantes que tendem a conferir aos seus cidadãos mais competências do que a média dos outros.

Parece-me claro que nesta, como noutras matérias, há ainda um vasto campo a percorrer no nosso país. É importante, tomando como exemplo a actividade desportiva, que sejam definidas e implementadas, a nível local, políticas sociais efectivas que respondam a estes desafios de criação de mais laços de solidariedade, de acrescento de competências e de reforço da coesão.

Numa altura em que existe um sentimento generalizado de que estão a crescer os sinais de individualismo e de anomia social, já para não falar do problema da obesidade que ameaça tornar-se epidémico, devido, entre outros, a factores como o crescente sedentarismo do nosso quotidiano, é fundamental perceber que se tornou absolutamente crítico desenvolver políticas sociais de âmbito desportivo que contribuam para estimular as comunidades locais. É um modo simples de fazer com que possam germinar, saudavelmente, o espírito de iniciativa, a capacidade de relação, a liderança grupal e a assunção do risco, que estão na génese da renovação e da produção de sociedades mais abertas à mudança e mais inovadoras.

O desenvolvimento de políticas tendentes a fazer com que uma proporção cada vez mais alargada da população possa

desenvolver práticas desportivas é uma daquelas medidas que não pode deixar de ser equacionada. Creio que se torna premente desenvolver uma reflexão sobre o conjunto de ajudas às colectividades locais, sob a forma de contractualização, de modo a alargar o âmbito de captação de crianças, jovens e adultos para a prática desportiva. Será, por exemplo, que apoiamos suficientemente todo o voluntariado que os agentes do movimento associativo desenvolvem, na sombra, num tremendo esforço para fazer viver os seus clubes e as suas actividades? Por outro lado, será que os formadores desportivos de grande parte dos nossos jovens são devidamente valorizados e reconhecidos pelo seu trabalho, empenho e pela enorme influência que podem exercer sobre os jovens?

Cada vez mais se reconhece a importância de processos interactivos e cooperativos de aprendizagem como ambientes propícios à geração de inovação, inclusivamente na área social. A prática desportiva parece-me ser um desses veículos privilegiados de enriquecimento pessoal, de reforço da auto-estima, de criação de sentimento de pertença, de capacidade de aprendizagem da vida colectiva e das regras de convivência, e de integração natural dos jovens em comunidade.

A actividade desportiva pode muito bem constituir-se como um instrumento privilegiado de criação de redes de solidariedade orgânica imprescindíveis à construção de uma cultura cívica e de laços de reciprocidade e confiança, corporizando um verdadeiro *cimento* da coesão social dos territórios. É uma forma de activação da sociedade civil, o que, como se sabe, é absolutamente crítico para a redinamização dos meios rurais.

Precisamos de uma sociedade empreendedora, na qual a mudança e a inovação sejam *normais* e contínuas, como actividades vitais, permanentes e integrais nas nossas organizações, na nossa economia e na nossa sociedade. É muito difícil, quase improvável, conseguir trilhar esse caminho se não criarmos as condições de base que estão na génese desse renovado *caldo de cultura*.

O desporto, como parte de uma política alargada e inclusiva, deve constituir um eixo estratégico de qualificação social. Não tenho a menor dúvida de que o desenvolvimento integral das nossas comunidades locais passa, em larga medida, por aí. A luta contra a desertificação rural também passa por responder eficazmente a esse desafio: desenvolver uma oferta de serviços desportivos como meio de animação local e de reforço da atractividade dos territórios. ■

... APONTAMENTOS DO RURAL AGRÍCOLA

Fernando Delgado

[Agrónomo]

Os agricultores vivem hoje asfixiados numa tenaz cujos braços cresceram desmesuradamente a partir da liberalização dos mercados e do crescimento da grande distribuição, alterando numa geração todo o contexto socioeconómico em que se movimentavam. Apesar das políticas agrícolas tentarem desviar, para um lado ou para o outro, o fulcro dessa tenaz, de modo a evitar uma morte súbita, a verdade é que, na maioria dos casos, apenas conseguiram ir substituindo os sectores de actividade e respectivos agricultores nos braços da tenaz, raras vezes possibilitando a criação de uma alternativa credível. Esta situação, facilmente verificável pela simples comparação dos preços dos principais produtos agrícolas e dos factores de produção de há duas décadas com os actuais, é o resultado de políticas agrícolas de tipo *macro*, mas foi ainda agravada, ao nível *micro*, com o desmantelamento e fragilização de pequenas estruturas locais que, em última análise, sobretudo em momentos de crise, poderiam constituir uma alternativa realista.

Este cenário não esconde que a agricultura deixou há muito tempo de ter uma importância económica significativa em muitos territórios rurais – os concelhos da Beira Interior são neste caso um bom exemplo –, nem que tal situação deve ser enquadrada no contexto mais vasto da evolução do mundo rural. Recorde-se que, pela primeira vez, no mundo, a população urbana é superior à população rural, embora esta alteração já tenha ocorrido na generalidade dos países europeus há alguns anos e que, independentemente da natureza dos conceitos *rural* e *urbano* e dos pormenores que os grandes números não revelam, em particular as especificidades nacionais, regionais

ou locais, a verdade é que este fenómeno tem consequências em quase tudo: emprego, ambiente, desertificação, território.

Por outro lado, parece ser hoje consensual que a actividade agrícola não garante a viabilidade das comunidades rurais, assim como o abandono agrícola não implica necessariamente o abandono da terra ou das áreas rurais. Este consenso baseia-se na observação de que existe actividade agrícola desligada das comunidades rurais e uso da terra baseado em actividades não agrícolas. Mas tal pressuposto revela fragilidades graves quando se tenta perspectivar um futuro em que se sobreponham de forma virtuosa as dimensões económica e social dos espaços rurais, por um lado, e as características multifuncionais da agricultura, por outro, na ausência do principal agente de ligação entre estes diversos elementos – o *agricultor* – e na mitigação da sua função – *fazer agricultura*.

Estamos assim num tempo de mudança, num momento em que existe a convicção de que é possível a partir dos actuais agentes do mundo rural densificar um conjunto de relações económicas e sociais que permita, de uma forma sustentada mas necessariamente lenta, restabelecer um equilíbrio perdido. Não se trata de um retorno, mas da certeza de que a agricultura continua a ser a única actividade capaz de estabelecer uma matriz coerente de desenvolvimento para os territórios. Sem agricultura e sem agricultores, esses territórios ficariam reduzidos a pequenas ilhas dispersas, sem a necessária continuidade funcional, única forma de garantir a sua sustentabilidade.

Essa mudança faz-se obviamente com os agricultores, sejam eles casos de sucesso ou simples resilientes

deste período de intensa intromissão das políticas agrícolas, mas também com *novos* agentes do desenvolvimento rural, em alguns casos como resultado da atracção do rural e de um novo paradigma de qualidade de vida, mas noutros apenas como consequência da repulsão dos centros urbanos face às insuficiências socioeconómicas resultantes da crise.

Neste ambiente de profunda mas lenta transformação do rural, há um novo papel de intervenção do poder local que, esgotada a fase da *obra*, característica do modelo de intervenção das últimas décadas, se pode voltar agora de uma forma decisiva para território. Esta intervenção do poder local no rural é já perceptível em alguns casos concretos. Não se espera que substitua os agentes locais, mas apenas que utilize a sua presença institucional e a sua capacidade financeira para fomentar a organização de funções produtivas onde a rarefação de actores e de agentes não permite criar redes de desenvolvimento suficientemente sólidas. Espera-se ainda que os responsáveis do poder local estejam preparados para este modelo de intervenção, claramente de tipo imaterial, com resultados de médio ou longo prazo e sem a visibilidade de outras realizações.

Definitivamente o rural mudou, transformando-se num espaço cada vez menos habitado. Os desafios do futuro estão em conseguir actuar sobre estes territórios, evitando a degradação dos seus recursos e a consequente expulsão dos residentes que restam. Os tempos de mudança constituem oportunidades de futuro. Não existe nenhum dramatismo nesta evolução, mas seria trágico que se ignorassem as consequências. ■

QUANDO OS “ACUSADOS” DÃO O BOM EXEMPLO!

VIOLÊNCIAS E EMOÇÕES EM TRABALHO DE PROJECTO

Prof. António Canoso



Oito alunas do 12º ano, curso de Ciências e Tecnologias, do Agrupamento de Escolas Ribeiro Sanches de Penamacor, organizadas em dois grupos de trabalho, em Área de Projecto, desenvolvem dois temas deveras interessantes e assaz pertinentes para a formação e informação da comunidade educativa e público em geral. Trabalhar vertentes da Inteligência Emocional e da Violência nas Relações, em colaboração com o Projecto Educação para a Saúde (PES) no contexto da Educação Sexual e a Caritas Diocesana da Guarda no contexto do projecto **100 Muralhas**.

Assume papel primordial destes projectos a abertura de perspectivas sobre as violências e suas correlações com comportamentos emocionais, de forma a alertar para esta problemática tão actual e, por vezes, tão escondida por motivos diversos e/ou questões culturais. Daí a importância interiorizada por estas alunas de, concomitantemente com a elaboração e construção dos seus projectos, irem desenvolvendo actividades públicas que chamem atenção para estas problemáticas.

A quem manifestar interesse por estas questões poderá obter mais informação e seguir o trabalho dos grupos através dos blogs:

<http://quemcalaconsente12a.blogspot.com>

<http://inteligenciaemocional12.blogspot.com>

Pedimos aos grupos de Inteligência Emocional (I.E.) e Violência nas Relações (V.R.) que nos dessem uma panorâmica dos seus trabalhos.

Os temas da “Inteligência Emocional” e da “Violência nas Relações” escolhidos para o trabalho de Área de Projecto são bastante pertinentes e actuais. Todavia, nada fáceis e muito menos pacíficos.

Concordam que não são temas fáceis de trabalhar?

V.R. – Sim, é verdade que no início o nosso tema parecia mais simples, mas ao longo do tempo fomos nos apercebendo do tipo de violências que existem e que este tema é muito mais complexo do que muita gente imagina.

I.E. – O tema escolhido não é fácil de abordar, pois além de ser pouco conhecido é bastante complexo, mas se fosse fácil não seria tão interessante.



Grupo de "Inteligência Emocional": Da esquerda para a direita: Patrícia Leitão, Ana Silva, Ana Antunes e Márcia candeias.

Grupo de "Violência nas Relações": Da esquerda para a direita: Adriana Adelino, Dalila Pelicano, Cláudia Salvado e Cristiana Pereira.

Como surgiu a ideia de trabalhar estas temáticas?

I.E. – Ao lermos uma notícia numa revista acerca deste tema, o mesmo despertou-nos alguma curiosidade, assim decidimos trabalhá-lo.

V.R. - Como era um tema a abordar em Educação Sexual, então, para não perdermos tempo nas aulas a abordar este tema, decidimos abordá-lo nesta área.

Que dificuldades encontraram no início?

V.R. – No início, foi complicado porque não fazíamos a menor ideia por onde começar. Como já dissemos, este é um tema muito complexo e acontece todos os dias das mais variadas formas e nas mais variadas relações.

I.E. – No início foi um pouco difícil porque não sabíamos bem por onde começar, mas como somos mulheres de garra filámos o projecto com unhas e dentes.

Como foram ultrapassando esses obstáculos?

I.E. – Através de estudos, pesquisas, e a preciosa ajuda de especialistas na área.

V.R. – À medida que surgiam, fomos encontrando alternativas e/ou soluções e com a ajuda de todas, conseguimos.

Quem colabora convosco?

V.R. e I.E. – Parceiros vários, tais como, Projecto de Educação para a Saúde da nossa escola, Câmara Municipal de Penamacor, Cáritas Dioce-

sana da Guarda, Núcleo de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas, da Guarda Nacional Republicana de Castelo Branco, Associação de pais e Agrupamento Escolas Ribeiro Sanches de Penamacor.

Que actividades já desenvolveram para a comunidade e que outras têm na manga?

I.E. – Diversas: jogos sobre Inteligência Emocional para os 5º e 6º anos e comemoração do Dia de S. Valentim com actividade “ Coloca a tua mão e receberás um coração”. Temos também agendada uma palestra sobre “Inteligência Emocional Para os Mais Novos”, dia 4 de Março, levada a cabo pela psicóloga Elina Duarte, a comemoração do Dia Internacional da Mulher, onde cada mulher da escola é chamada a dar o seu testemunho e do Dia do nosso Patrono Ribeiro Sanches, com a “Árvore Ribeiro Sanches”, sempre na linha do ser e do sentir.

V.R. - Várias: largada de balões como símbolo de liberdade no Dia da Eliminação da Violência Contra a Mulher, 25 de Novembro; construção de um puzzle gigante em forma de coração, com peças elaboradas pelos alunos, para comemorar o Dia de S. Valentim; Convidámos um ex-alcoólico recuperado e uma ex-vítima de violência doméstica, bem como a directora do Centro de Apoio à Vida da Caritas Diocesana da Guarda, para testemunharem junto dos nossos alunos. Tencionamos também assinalar o Dia Internacional da Mulher com uma venda de objectos alusivos à não-violência, por nós elaborados, cuja receita reverterá a favor do Centro de Apoio à Vida da Caritas Diocesana da Guarda.

Já pensaram no produto final?

V.R. – Já pensámos no produto final, mas as ideias são muitas e ainda não chegámos a um consenso.

I.E. – Exactamente, ainda não, só sabemos que queremos divulgar o mais possível este conceito.

Quando pensam apresentá-lo ao público?

V.R. e I.E. – À nossa comunidade, em Maio, e no dia 28 desse mesmo mês, em Vilar Formoso, no Pavilhão Multiusos (Sessão final; Exposição global; Convívio geral; Envio de “embaixadores”...), conjuntamente com as escolas de Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida, e Sabugal, que connosco integram o projecto “100 Muralhas” da Caritas Diocesana da Guarda.

Que balanço fazem do vosso projecto?

I.E. – Um balanço positivo, pois podemos adquirir novos conhecimentos e com isso temos a certeza que melhoramos as nossas relações com os outros.

V.R. – Numa fase inicial pensámos que desenvolver um projecto destes seria mais complicado do que se revelou. Não queremos com isto dizer que foi tarefa fácil, mas aprendemos que trabalhar em grupo não é apenas dividir tarefas e que nem sempre é fácil depender do trabalho de terceiros. Foi um caminho cheio de curvas, surpresas e algumas falhas, mas com a ajuda e conselhos que nos foram prestados, superámos o desafio. ■

A GEOGRAFIA ELEITORAL DESFASADA DA COESÃO TERRITORIAL

Lopes Marcelo

1 – ESTANDO NÓS EM NOVO PERÍODO PRÉ - ELEITORAL,

será oportuno reflectir sobre os porquês, as razões e consequências de despovoamento, de estagnação produtiva, de agravamento das desigualdades e das assimetrias no território do nosso país e que marcam de forma evidente a nossa região de interior.

Passada a euforia da recuperação da democracia e do perfume estonteante do exercício da liberdade, sedimentou-se a vida do país no funcionamento estabilizado da democracia representativa, baseada nos Partidos Políticos.

A representação com base na proporcionalidade dos eleitores, a par da deslocação das pessoas para a faixa do litoral e a concentração nos principais centros urbanos, implicou uma grande **fragilidade na representação política** de mais de dois terços do território nacional. Os deputados eleitos pelos círculos eleitorais dos territórios mais despovoados são cada vez em menor número. De facto, em menos de um terço do país da faixa do litoral, concentram-se o poder e os recursos ou, pelo menos, é eleita a elite que molda e sustenta o poder. Apenas na vertente autárquica, a desproporção não é tão nítida, por efeito da Lei das Finanças Locais que aplica algumas compensações financeiras em função da área e do nível de desenvolvimento de cada concelho. Por outro lado, os deputados são eleitos em listas partidárias, mais comprometidos com o programa nacional do seu partido do que com os problemas e interesses da sua região (alguns, até dos mais influentes, não são originários, nem residem, nem conheciam os círculos eleitorais por onde são eleitos). Então, os problemas, os interesses e as necessidades ligadas à coesão territorial para terem relevância política e serem tomados em devida conta na definição de prioridades e de políticas, teriam que ser amplamente discutidos, equacionados e formulados pelos Partidos Políticos. Ora, bem se sabe que tal não acontece.

Resulta, assim, que não existem **fóruns sociais e políticos** para debater os problemas e necessidades do território. E, se há questão de fundo e transversal a toda a sociedade – é a **coesão territorial**.

2 – CONTUDO, O FUNCIONAMENTO DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

tem estado de costas voltadas para a coesão territorial. Em duas vertentes se deverá, em minha opinião, alterar o Sistema Eleitoral. Uma delas, tem a ver com a Descentralização e Regionalização que contemple uma Assembleia Regional como plataforma política de debate, de definição de estratégias para um território com dimensão e massa crítica, meios de planeamento e de avaliação que poderá gerar políticas e instrumentos para um governo efectivo do território se poder concretizar. Outra vertente tem a ver com a alteração da **Lei Eleitoral** e a organização de **círculos eleitorais uninominais** adaptados a territórios bastante homogéneos (agrupamento de concelhos), em que os candidatos sejam conhecidos e respondam directamente perante a população que escolherá em função do seu curriculum, das suas propostas e dos compromissos que assumam. A par dos círculos uninominais, existiria um **círculo eleitoral nacional**, para se apurar a representatividade de cada Partido. A votação para escolha em lista partidária fechada como tem sido até aqui, organizada nos gabinetes das influências e clientelas partidárias, está condenada! Os Partidos são cada vez menos donos das opções dos eleitores, embora não se dêem conta disso! Os feiticeiros da “tribo”, por melhor que discursarem, têm cada vez menos influência face à crescente dinâmica dos suportes da informação e à importância crescente das redes sociais que cada vez mais irão exigir que os responsáveis prestem contas! E é pelas obras, pelos frutos, pelos resultados, que a confiança e o crédito das políticas se manifestarão e a democracia se reforçará.

*“Os deputados eleitos
pelos círculos eleitorais
dos territórios mais
despovoados são cada vez
em menor número.”*

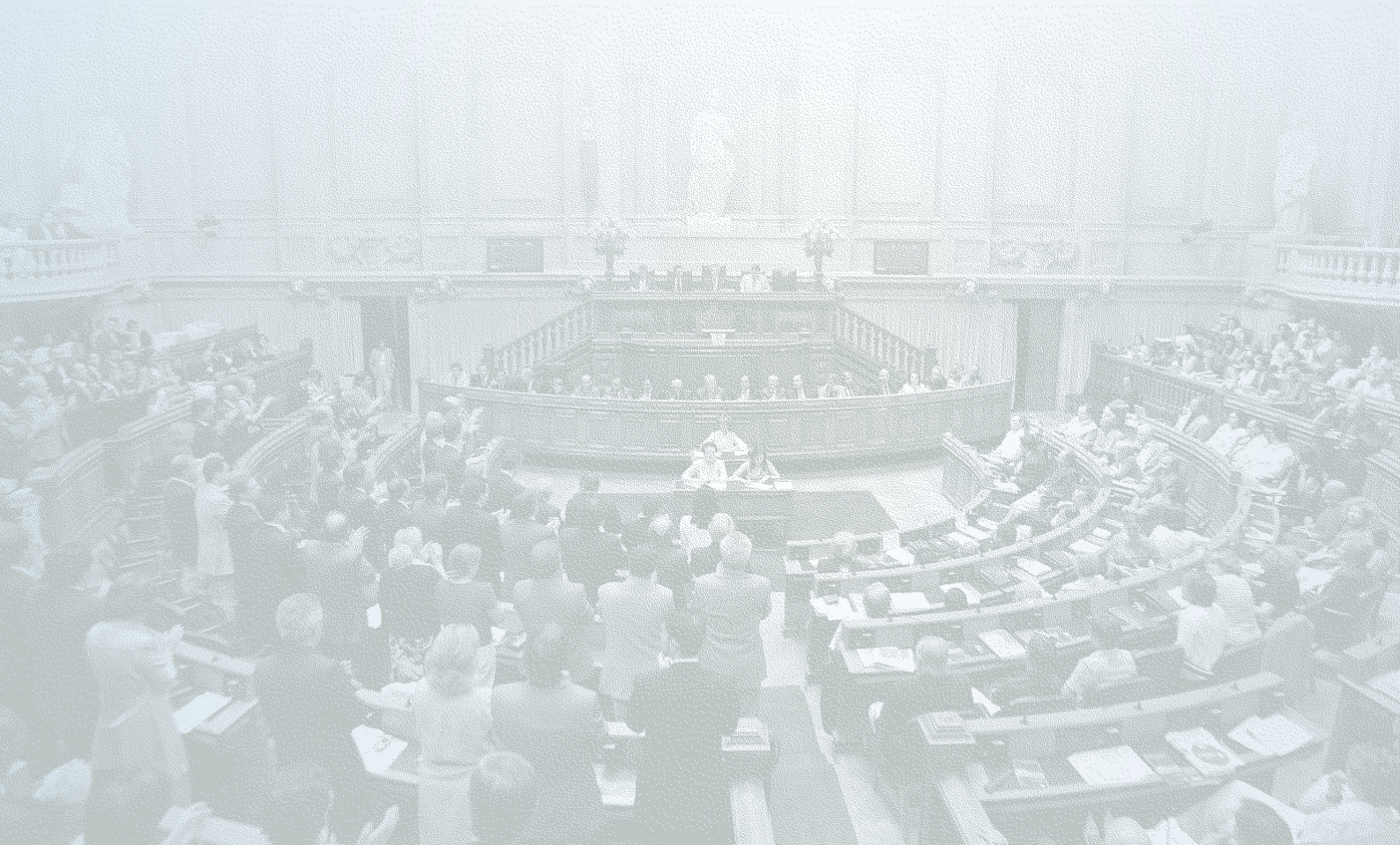
“OS FEITICEIROS DA “TRIBO”, POR MELHOR QUE DISCURSEM, TÊM CADA VEZ MENOS INFLUÊNCIA FACE À CRESCENTE DINÂMICA DOS SUPORTES DA INFORMAÇÃO E À IMPORTÂNCIA CRESCENTE DAS REDES SOCIAIS QUE CADA VEZ MAIS IRÃO EXIGIR QUE OS RESPONSÁVEIS PRESTEM CONTAS!”

3 - AS PESSOAS QUEREM SER RESPEITADAS,

não querem ser tratadas como números ou massa anónima que se arregimenta e mobiliza em camionetas para piqueniques eleitorais de circunstância. Querem, sim, escolher de facto e em consciência, saber em quem votam, conhecendo o currículo de cada candidato, as ideias e propostas, os valores e os compromissos das pessoas em quem votam! Querem votar em pessoas concretas que lhes mereçam confiança e prestem contas e, como acontece tantas vezes, não em **meras fotografias de nomeados e apadrinhados pelos aparelho partidários**, por vezes sem qualquer ligação com o território sobre o qual pretendem **deputar** (que significa: delegar, incumbir, mandar em comissão)! Não é a democracia que está mal ou em crise mas, antes, o mau uso e o seu aproveitamento para interesses que invocam, usam e abusam do povo e do território!

4 - A REALIDADE AÍ ESTÁ A METER-SE PELOS OLHOS DENTRO.

É urgente a alteração da Lei Eleitoral e a descentralização e simplificação das estruturas da administração pública de forma coerente com as características e o desenvolvimento do território (os Governos Cívicos não representam qualquer mais-valia para o desenvolvimento). A “solução administrativa” pensada nos gabinetes do poder central por políticos que são mais contabilistas de circunstância do que gestores com visão de futuro, **de diminuir o número de Freguesias e de Concelhos**, não será redutora? Não é acrescentar menos onde já há menos? Não haverá muito onde cortar na máquina do “Estado” a que se chegou? Querem o interior do país como território desprezado, onde alguns “índios” vão sobrevivendo, enquanto outros qual corte das tribos partidárias se senta à mesa do Orçamento Geral do Estado? ■





A “VIVER” EM ÁFRICA

Os povos, sejam eles de que latitude, cor ou crença forem, ao lutarem conjuntamente durante longos períodos pelo quotidiano das suas vidas, constroem entre si laços de estima e consideração que resistem aos distanciamentos e, por vezes se reforçam com a separação cultural e política imposta pela imparável evolução da história e pelos legítimos anseios de Liberdade e dignidade colectiva.

Os grandes olhos negros, “- olhos negros da Guiné, da Guiné por serem negros, negros por terem fé” (assim o diz essa imortal moda do cancionero popular de outros tempos) – são olhos que se espantam e comovem ao olhar as páginas do último número da VIVER, até eles chegado, sabe-se lá por que feitiço amigo!

“OLHOS NEGROS
DA GUINÉ, DA
GUINÉ POR SEREM
NEGROS, NEGROS
POR TEREM FÉ”





Espantam-se e comovem-se, porque de repente perpassa-lhes fugazmente pela memória uterina dos seus sofrimentos a ténue esperança de alcançar o futuro sonhado.

POR ESSAS GENUÍNAS
MANIFESTAÇÕES DE
AMIZADE E ESPERANÇA,
DIZEMOS...
OBRIGADO E ATÉ
SEMPRE!



VI FESTIVAL INTERNACIONAL DA MÁSCARA IBÉRICA

ADRACES DIVULGA POTENCIALIDADES DA BIS EM LISBOA

No seu terceiro ano de participação, a ADRACES voltou a marcar presença no Festival Internacional da Máscara Ibérica, de 28 de Abril a 1 de Maio, no Rossio, Lisboa, numa iniciativa da Progestur e da EGEAC, que conta já com a realização de seis edições de sucesso.

O certame, que desde 2010 adquiriu o estatuto de festival e é reconhecido como interesse turístico internacional pelo Turismo de Portugal, assegura uma montra diversificada e especializada do património cultural imaterial ibérico, nomeadamente através da exposição de produtos locais, manifestações artísticas com desfiles de grupos tradicionais de máscaras provenientes de Portugal, Espanha, Sardenha e Irlanda, artesanato ao vivo, espectáculos de palco de música tradicional, workshops, entre outras actividades.

Integrada na Mostra das Regiões do festival, a ADRACES deu mais uma vez a conhecer a Beira Interior Sul, um território dotado de um conjunto único de recursos endógenos, ao nível dos produtos locais e do património cultural e natural. Com o objectivo da valorização e da promoção das riquezas da BIS, a associação convidou duas empresas do território, beneficiárias e promotoras de projectos no âmbito do Subprograma 3 do PRODER - Queijaria Artesanal Lourenço e Filhos, Lda. e da Rodoliv - Cooperativa de Azeites de Ródão CRL - para exporem e comercializarem os seus produtos de distinta qualidade.



Os mais de 400 mil visitantes que afluíram ao evento puderam degustar os sublimes paladares dos queijos e azeites da BIS enquanto apreciavam o Bordado de Castelo Branco aplicado à alta costura, num elegante tailleur de saia e casaco em seda, aliando a tradição do genuíno artesanato à modernidade do design de vestuário.

“MISSÃO ALMOFADA”

Uma ideia surge de e quando menos se espera. Pois foi o que aconteceu com esta Missão.

A turma do Curso de Geriatria, formação EFA do POPH que ADRACES está a ministrar em Penamacor, realizou no Lar D. Bárbara Tavares da Silva uma palestra sobre “Úlceras de Pressão” no módulo de Unidade “Prevenção e 1^{as} Socorros - Geriatria”. Durante o decurso da acção apercebemo-nos que são necessárias pelo menos 8 almofadas para cada velhinho acamado, para que estes estejam mais amparados. Como é necessário mudar as almofadas com muita assiduidade, o facto é que são precisas muitas e há dificuldade em conseguir um número adequado às necessidades. Surgiu então a ideia! Se a Direcção do Lar amavelmente nos acolheu nas suas instalações, a turma poderia retribuir e agradecer de alguma forma... e deu-se então início à “Missão Almofada”, que consiste em angariar o maior número possível de almofadas para ofertar aos velhinhos e assim contribuir para os aconchegar e lhes apaziguar as dores! Já deitámos mãos à obra. À turma do Curso de Geriatria juntou-se o Grupo das Tertúlias e o Grupo 163 de Escoteiros de Penamacor... e, num ápice, chegámos às 40 almofadas.



Qual será o número de Almofadas que iremos alcançar? Pois não sabemos, mas contamos com a contribuição de todos os que conosco queiram participar, basta para tal entrarem em contacto com a ADRACES ou qualquer um dos seus Pólos.

Em próximas edições cá estaremos para dar conta de mais esta acção de voluntariado que o Pólo Raiano da ADRACES está a promover em Penamacor.

Hoje somos nós a ajudar, quem sabe amanhã não seremos nós a precisar! Contamos consigo! Ajudar não custa nada!

NESTA EDIÇÃO DESTACA-SE:

GRANDE TEMA 08

“De facto, importa uma mente sã num corpo sã, importa a boa governança num território para que haja qualidade de vida para os seus habitantes e visitantes, para que haja robustez ao nível dos indicadores sócio económicos mais clássicos. Boa governança nas autarquias, nas organizações não governamentais e nas empresas. Importa um corpo sã, importa um território preservado, organizado e participado. Importa que se retire todo o potencial do território sem o debilitar.”

“Tenho ouvido desde sempre que uma alimentação saudável (entenda-se inputs financeiros para estimular a economia, entenda-se oferta cultural, entenda-se mobilidade, entenda-se saúde e educação entenda-se recompensar o mérito), aliada ao exercício físico (entenda-se estimular o empreendedorismo, entenda-se promover a cooperação entre organizações públicas e privadas, entenda-se preservar o património natural e edificado, entenda-se produzir), contribuem em muito para ter um corpo sã. Quanto à mente creio também não haver segredos. Exercício de reflexão no sentido de pensar estrategicamente e fazer planeamento.”



AO SABOR DA PENA 41

“A actividade desportiva pode muito bem constituir-se como um instrumento privilegiado de criação de redes de solidariedade orgânica imprescindíveis à construção de uma cultura cívica e de laços de reciprocidade e confiança, corporizando um verdadeiro cimento da coesão social dos territórios. É uma forma de activação da sociedade civil, o que, como se sabe, é absolutamente crítico para a redinamização dos meios rurais.”

SENTIR A BEIRA 45

“A representação com base na proporcionalidade dos eleitores, a par da deslocação das pessoas para a faixa do litoral e a concentração nos principais centros urbanos, implicou uma grande fragilidade na representação política de mais de dois terços do território nacional. Os deputados eleitos pelos círculos eleitorais dos territórios mais despovoados são cada vez em menor número. De facto, em menos de um terço do país da faixa do litoral, concentram-se o poder e os recursos ou, pelo menos, é eleita a elite que molda e sustenta o poder. Apenas na vertente autárquica, a desproporção não é tão nítida, por efeito da Lei das Finanças Locais que aplica algumas compensações financeiras em função da área e do nível de desenvolvimento de cada concelho.”